

**Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich**  
**Mestrado em Educação Pré-Escolar**  
**Ano letivo 2013/2014**

Relatório Final

“O Recreio Escolar como local de interação entre crianças”

Telma Alexandra Araújo Delgado

Relatório realizado sob a orientação  
Mestre Maria Lacerda

Lisboa, Dezembro 2014

**“Elas vão olhar para ti, aprender o teu nome, chamar-te por tudo e por nada, geralmente por nada. Que é sempre tudo.”**

**Alice Vieira**

## Dedicatória

Esta conquista é dedicada ao meu avô, António Araújo, que conseguiu ver-me a entrar na faculdade, mas infelizmente não me conseguiu ver a terminar. Isto é para ele, para ver que a sua neta mais nova conseguiu concretizar o seu sonho de criança, ser Educadora de Infância.

Dedico também às minhas duas avós, Maria Dolores Alves e Maria Barão, que derivado à doença Alzheimer, já não conseguem compreender a grande conquista que fiz.

## Agradecimentos

À Professora Maria Lacerda, através do seus conhecimentos e da sua disponibilidade, foi a maior ajuda para a elaboração deste relatório final.

Às educadoras cooperantes, Noémia, Isabel e Dulce, que me receberam com um enorme carinho e que nos ajudaram quando mais precisávamos, durante toda a minha prática pedagógica.

Às crianças, que tiveram a capacidade de transformar os meus dias, apenas com a sua presença. A troca de experiências e de conhecimentos fizeram com que a realização deste relatório se tornasse mais fácil.

Aos meus adorados pais, Maria Helena Delgado e Álvaro Delgado, que estiveram sempre presentes nos bons e maus momentos, mas que sobretudo me deram apoio para nunca desistir de conquistar os meus objetivos e o meu grande sonho, pois sem o esforço que fizeram este sonho nunca se teria realizado.

À minha irmã, Raquel Fernandes e ao meu cunhado Francisco Fernandes, que nunca me fizeram desistir, através de pequenos gestos e olhares.

Ao meu sobrinho/afilhado Martim Fernandes, que me ajudou através do seu carinho, ternura, amizade e simplicidade.

Aos meus familiares, Maria do Carmo Ferreira, Miguel Ferreira, Mário Ferreira, Armando Ferreira (pai) e Armando Ferreira (filho), que me encorajaram e me apoiaram ao longo deste percurso.

Ao meu namorado Válder Caldeira, que insistia constantemente para não me deixar ir abaixo, que me limpou as lágrimas quando pensava em desistir e que sobretudo me incentivou a continuar a lutar pelo meu sonho.

À Cláudia Amador que foi mais que uma colega de turma, tornou-se uma grande amiga, pois realizámos todo este percurso juntas, com cumplicidade e o apoio de ambas.

Aos meus grandes amigos, Leonor Rubio, Fábio Sousa, Tiago Leite, Gonçalo Neves, José Luís e Liliana Lopes.

Por fim, à minha cadela Kika.

**A todos os que referi, o meu MUITO Obrigada.**

## Resumo

O presente relatório foi realizado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar.

O seguinte estudo centra-se no recreio escolar como espaço ou local de interação entre crianças, relativamente ao contexto de Jardim de Infância.

O principal objetivo deste estudo foi conhecer como as crianças utilizam o recreio escolar para se relacionarem entre si. Sabendo que o recreio escolar deve ser considerado, logo desde muito cedo, um prolongamento daquilo que é realizado dentro da sala de aula. Cabe aos educadores incentivar as crianças a obter aprendizagens para o seu desenvolvimento num espaço diferente que a sala de aula, podendo ser planeadas ou não.

Este estudo tem como opções metodológicas dois níveis distintos mas complementares na recolha de dados, assenta numa investigação de natureza descritiva. Num primeiro nível considera-se uma investigação qualitativa, através da observação da atividade das crianças no recreio escolar, onde se procura compreender e aprofundar o problema a investigar. E, num outro nível, recorre-se à recolha de dados através de entrevistas às educadoras cooperantes, para complementar os dados decorrentes da observação e dar mais sustentabilidade às respostas das questões de investigação.

Pretende-se com este estudo, que o recreio escolar seja encarado como um espaço ou local de aprendizagens e a sua importância para a interação entre crianças.

**Palavras-chave:** Jardim de Infância; Recreio Escolar; Brincadeira.

## Abstract

This report was conducted during the work-based module of Supervised Teaching Practice for the degree of Master of Pre-School Education.

The following study focuses on the playground, as space or place of interaction between the children, in the kindergarten context.

The main objective of this study will be the understand of how children use the playground to relate between themselves. Knowing that the playground should be considered very early as an extension of what is made inside the classroom. Educators should encourage children to get knowledge for their development in a different environment from the classroom and these activities can be planned or not.

This study is methodological options two distinct but complementary levels of data collection, based on research of a descriptive nature. On one level it is considered a qualitative research, by observing the activity of children in the school playground, which seeks to understand and deepen the problem to investigate. And on another level, it resorts to the collection of data through the interview survey to the cooperating teachers to complement the data resulting from the observation and give more sustainability to the responses of research questions.

With this study is intended that the playground is seen as a space or place of learning and its importance to the interactions between children.

**Keywords:** Kindergarten; School playground; Play.

## Índice

Dedicatória .....	i
Agradecimentos .....	ii
Resumo .....	iii
Abstract .....	iv
Introdução .....	1
Caracterização da Instituição e do contexto envolvente .....	3
Caracterização Funcional .....	3
Proposta Educativa .....	3
1. Enquadramento Teórico .....	5
1.1 O Jogo e a Brincadeira na Educação Pré-Escolar .....	5
1.1.1 Jogos Tradicionais .....	8
1.2 O Recreio Escolar .....	10
1.3 A importância da brincadeira no Recreio Escolar .....	13
1.4 Relações entre os pares .....	14
1.3.1 A amizade no pré-escolar .....	16
1.3.2 A agressão .....	18
1.3.3 Isolamento Social .....	21
1.4 Papel do educador .....	22
1.4.1 O papel do Educador no Recreio Escolar .....	24
2. Metodologia de Investigação .....	26
2.1 Descrição do estudo .....	26
2.1.1 Procedimento .....	28
2.2 Técnicas e Instrumentos de Recolha Dados .....	29
2.2.1 Participantes do estudo .....	30
2.2.2 Observação .....	30
2.2.3 Notas de Campo .....	32
2.2.4 Entrevistas .....	32
2.3 Tratamento de dados .....	33
3. Apresentação de dados .....	34
3.1 Análise de dados .....	34
3.2 Interpretação de dados .....	39
3.2.1 O Conceito .....	39
3.2.2 A Importância .....	39
3.2.3 O Papel do Educador .....	40
3.2.4 Material disponível no Recreio Escolar .....	40

3.2.5 Relações entre os pares.....	41
Síntese.....	42
Considerações Finais.....	43
Referências Bibliográficas.....	47
Anexos.....	53

## Introdução

O princípio geral da Lei-Quadro da Educação Pré-escolar, afirma que:

“a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da sua vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário.” (Ministério da Educação 1997, p.15).

O seu papel é bastante pertinente na transmissão de conhecimentos e de aptidões, recorrendo-se à ludicidade e às diferentes áreas de conteúdo das Orientações Curriculares Educação Pré-escolar (OCEPE). Isto porque a educação pré-escolar não se encontra organizada como se fosse uma preparação para o primeiro ciclo (ensino obrigatório), mas sim uma etapa que pretende preparar a criança para o período seguinte.

Desde cedo tive o sonho de ser Educadora de Infância. Na minha infância frequentei a creche, o jardim de infância e o ATL. A atenção individualizada e a dedicação que as educadoras de infância revelaram junto do grupo de crianças (no qual me incluía), desde sempre suscitaram o meu interesse. A dedicação e o empenho destas profissionais foram promotores de aprendizagens, pois, conheciam-nos bem e empenhavam-se para conseguirmos atingir com sucesso os objetivos estipulados.

A motivação que sentia por parte das educadoras relativamente às crianças foi um dos motivos que me levou a tirar este curso. Percebi, com o passar do anos, que ser educadora de infância é um dos papéis mais importantes para o desenvolvimento social, cognitivo, psicológico das crianças. Estar responsável por um mundo das crianças, brincar com elas, ensinar, observar cada uma delas individualmente, para além de resolver conflitos, é importante a presença do educador de infância para que estas aprendam a lidar com estas situações.

Centrando num escopo de análise deste relatório final, o Recreio Escolar como local de interação entre crianças. O interesse em realizar um estudo

sobre a temática do recreio escolar no Jardim de Infância inscreve-se em fatores de ordem pessoal – particular motivação pela problemática – decorrente da frequência do estágio em educação pré-escolar que contribuiu para o interesse pessoal e profissional, na medida em que foi um espaço de reflexão, de interesse e de investigação sobre diversos saberes.

O interesse sobre o tempo de recreio surgiu da reflexão sobre o assunto com recurso nas observações destes momentos no decorrer da prática supervisionada.

Atenda-se a que o Recreio Escolar de qualquer estabelecimento “(...) é igualmente um espaço educativo. Pelas suas potencialidades e pelas oportunidades educativas que pode oferecer, merece a mesma atenção do educador que o espaço interior.” (Ministério da Educação, p.38 e 39).

Relativamente à estrutura deste relatório, que tem por objetivo uma melhor organização da informação, optou-se por dividi-lo em quatro capítulos.

No primeiro capítulo disponibiliza-se o enquadramento teórico que sustenta o presente estudo, dando ênfase à brincadeira, às interações entre crianças e ao papel do educador dentro da sala e sobretudo no espaço do recreio escolar.

No segundo capítulo apresenta-se a metodologia de investigação, na qual optámos por uma investigação de carácter qualitativo, selecionando para isso, duas técnicas de recolha de dados: observação e entrevista semiestruturada.

No terceiro capítulo são apresentados e analisados os dados recolhidos ao longo desta investigação, onde se pretende conhecer a perceção das educadoras de infância sobre o recreio escolar e as interações entre as crianças neste local.

No último e quarto capítulo, apresentam-se as considerações finais, onde refleti acerca dos dados recolhidos e sobre as limitações do presente estudo, como também são sugeridos aspetos para estudos futuros sobre a temática.

Em seguida, apresento a caracterização da instituição onde foi realizado o estudo. Esta caracterização baseou-se no Projeto Educativo da Instituição facultado pelas educadoras cooperantes.

## Caracterização da Instituição e do contexto envolvente

A Escola, onde decorreu a investigação deste relatório final, localiza-se em Lisboa. Esta Escola é um Estabelecimento de Ensino Particular.

A instituição tem as valências de educação pré-escolar e primeiro ciclo do ensino básico.

O horário estipulado por este estabelecimento é das 8:15 horas da manhã até às 18:30 horas da tarde, de Segunda a Sexta-Feira. O horário letivo é das 9:00 horas até às 12:30 horas (pausa para almoço) e das 14:00 horas às 16:30 horas.

Os alunos que fazem parte desta escola pertencem a de diversas freguesias da zona de Lisboa, mas a maior parte destas crianças habita relativamente perto da escola.

A grande parte das famílias destes alunos, inserem-se num estatuto socioeconómico médio e médio alto e os seus pais com habilitações de ensino superior.

## Caracterização Funcional

A Escola funciona de Setembro até Julho (mês de Julho incluído), respeitando todos os períodos letivos instituídos pelo Ministério da Educação.

As atividades de ensino desenvolvem-se dentro da Escola, podendo ser em zonas cobertas ou em zonas ao ar livre, tudo em conformidade com as situações meteorológicas, todas as outras atividades como as visitas de estudo e passeios lúdicos didáticos são estipulados atempadamente.

A todos os alunos e respetivos encarregados de educação, a Escola dispensa todo e qualquer apoio na área de competência, prestando também atendimentos individuais ou coletivos em reuniões de pais.

## Proposta Educativa

Como sabemos, os pais são os principais responsáveis pela escolha da escola em que colocam os seus filhos, por isso, a Escola está disposta a assumir a grande responsabilidade de uma educação de elevada qualidade.

Está disposta a transmitir boas aprendizagens para que o desenvolvimento de cada aluno seja notável, obtendo assim um maior sucesso escolar.

A Auto estima dos alunos é bastante pertinente para o seu desenvolvimento psicológico, daí a Escola promover o aumento da Auto estima de cada aluno, fazendo elogios às suas conquistas e ajudando sempre em qualquer tipo de dificuldade.

Por fim, para a Escola o aluno é o principal centro de atenções do Processo Educativo. Verdade, Justiça, Paz, Respeito, Tolerância, Amizade e Solidariedade, são valores que a escola promove.

# 1. Enquadramento Teórico

---

## 1.1 O Jogo e a Brincadeira na Educação Pré-Escolar

Dada a relevância que o jogo tem na vida de uma criança este é um tema que tem merecido o interesse de muitos investigadores. Vários autores (Kishimoto,1994; Kamii, 2003; Neto, 2003; citados por Barros, 2003) reportam que as atividades de jogo/brincar são fundamentais para a criança, porque promovem o seu desenvolvimento global. As características do jogo/brincar fazem com que seja uma ferramenta de aprendizagem e de comunicação ideal para o desenvolvimento da criança, incluindo da sua personalidade. Citando Vasconcelos (2012, p. 137) “ o brincar é fundamental para a criança, pois é indispensável para o seu desenvolvimento afectivo, criativo, cultural e intelectual”. Observando a criança nesta atividade o adulto passará a conhecê-la melhor ao nível social e individual. Quanto mais nova for a criança, maior é a relevância do seu envolvimento nesta atividade para o seu desenvolvimento.

As crianças em idade pré-escolar aprendem essencialmente através do jogo e de outras interações com o seu meio ambiente. Contudo, o grau de envolvimento da criança nessas interações é um fator essencial para que ocorram aprendizagens (McWilliam & Bailey,1995; Vigotsky, 1978, citados por Pinto, 2006). Por isso é essencial o educador desenvolver nas crianças o interesse em explorar o mundo por si mesmas, a tomar decisões e a adquirir confiança nas suas ideias, bem como proporcionar um meio e um ambiente favorável a uma aprendizagem ativa.

Os estudos mostram que o brincar promove a socialização e as interações sociais tão necessárias ao desenvolvimento infantil quanto a nutrição, os primeiros cuidados e outros fatores que permitem a satisfação das necessidades vitais da criança (Santos, 1999). Através das trocas com os outros a criança vai progressivamente interiorizando valores e ideias. O modo como a criança incorpora esses elementos na sua personalidade depende do carácter dessas interações sociais, assim como da natureza e variedade de transações sociais que lhe estão disponíveis.

Reforça-se que a brincadeira tem um papel especial e significativo na interação criança-adulto e criança-criança. Manipulando objetos a criança

descobre o que pode fazer com eles, o que lhe permite avançar no conhecimento de si mesma e progredir no conhecimento do mundo.

O jogo e o brincar são cruciais no desenvolvimento da criança, uma vez que ajudam a adquirir a compreensão do ponto de vista do outro e a desenvolver questões ligadas à resolução de problemas sociais (Singer & Singer, 1992). O brincar é, por vezes, desvalorizado pelos adultos. No entanto, de acordo com Erickson (1982) deve ser entendido como o trabalho das crianças e a sua não compreensão é um preconceito que dificulta, a aquisição do sentido de identidade das mesmas. Também Piaget (1945/2002) vê na brincadeira um papel importante, considerando mesmo que é essencial para o desenvolvimento da inteligência. Vygotsky (1996) sustenta que o jogo é insubstituível na infância e um dos mais importantes contextos para as crianças desenvolverem competências críticas, que irão garantir a sua adaptação e desempenho com sucesso em contexto educativo. Tal com referem Smith, Cowie e Blades (1998) Vygotsky considera os "jogos infantis como a principal fonte de desenvolvimento durante o período pré-escolar" (p. 241). Defende também que tanto a interação entre criança-criança como a interação entre criança-adulto produzem conhecimento, sendo uma condição necessária para a aprendizagem que um deles se encontre num nível mais avançado de desenvolvimento, para assim poder atuar na "Zona de Desenvolvimento Proximal" da criança.

O brincar é uma atividade universal livre e espontânea de todo o ser humano, manifestando-se com mais frequência na infância, sendo uma atividade não estruturada pelo adulto (Santos, 2004; Cordazzo e Vieira, 2007). Outros autores, como Fortuna (2000), Tessaro e Jordão (2007) e Robles (2007), descrevem o brincar como a atividade ou ação da criança, voluntária, espontânea, delimitada no tempo e no espaço, prazerosa, constituída por reforçadores positivos intrínsecos, com um fim em si mesma e tendo uma relação íntima com a criança. Silva (2010) adianta a esta conceção a perspectiva de uma atividade saudável e útil do ponto de vista físico e mental e, principalmente, por ser um direito da criança. Neste sentido, no brincar, a criança entrega-se total e espontaneamente à atividade que está a realizar pela diversão e prazer. A autora acrescenta ainda que o brincar é o oposto do trabalho e que nele podem surgir conflitos e/ou limitações.

Nesta linha de pensamento, Garvey (1992) refere também que a atividade lúdica é fundamental para que a criança possa aprender a conhecer-se a si própria, mas também conhecer os outros e o mundo em que vive.

Através do brincar, a criança tem oportunidade de experienciar novas sensações, criar vínculos sociais, aceder ao conhecimento, aprender a aprender e superar obstáculos. Estas aprendizagens só acontecem, se for dada à criança a oportunidade de tomar iniciativas e de gerir o seu próprio tempo através da escolha livre, por exemplo (Silva, 2010).

Assim, para além das influências positivas do brincar no desenvolvimento motor, comportamental, cognitivo, sócio-cognitivo e emocional (Bruner, 1972; Dunn, 2010; Hartup, 1996; Johnson, Christie, & Yawkey, 1999), a forma de brincar com os outros pode determinar a aceitação ou rejeição social, o desenvolvimento de amizades e a inserção em subgrupos afiliativos que, por sua vez, facilitam outros aspetos do desenvolvimento sócio-emocional e sócio-cognitivo (Ladd, Price, & Hart, 1988; Vaughn & Santos, 2009), na interação lúdica (i.e., brincar social) de crianças no Jardim de Infância.

Neste contexto, é essencial a criação de espaços e condições para que estas aprendizagens surjam. O recreio escolar pode ser considerado como um espaço de excelência para o desenvolvimento da Brincadeira.

Por sua vez, no recreio o tempo, o espaço, o material, e outras crianças, também se consideram uma necessidade para a criança, pois esta necessita de encontrar determinadas condições para fazer escolhas e dar vida à sua brincadeira. Ferland (citado por Silva 2010) acrescenta que para além de carecer tempo para brincar, a criança também precisa de sonhar e construir o seu imaginário. Na atividade lúdica é de máxima importância o espaço em que esta decorre pois a criança precisa de brincar num espaço adequado, seguro e agradável. Assim, é essencial que o espaço seja bem pensado, amplo e possua equipamento à sua disposição.

Durante a Prática de Ensino Supervisionada tive a oportunidade de observar vários momentos de brincadeira no recreio escolar. Estes momentos umas vezes foram planeados pelas educadoras cooperantes e outras vezes foram momentos de brincadeira livre.

Os jogos tradicionais estiveram presentes nos momentos de brincadeira das crianças o que gerou o meu interesse em melhor conhecer este tipo de jogos.

### 1.1.1 Jogos Tradicionais

Neste item salienta-se a importância dos Jogos tradicionais no desenvolvimento da criança, uma grande variante de jogos, isto é, os jogos tradicionais. Estes jogos são um grande “testemunho” cultural que supera tudo aquilo que rodeia o espaço-tempo, são recriados de geração em geração mas também com características próprias dependendo da área geográfica. Estes jogos acabam por ajudar as crianças a demonstrar os seus sentimentos, a criar novos jogos, tendo a ajuda da sua própria imaginação e sobretudo relembram velhas tradições do seu país.

Segundo Cordeiro (1982), os jogos tradicionais exibem algumas características pertinentes, tais como:

- Cultura – São os conhecimentos adquiridos de geração em geração;
- Movimento – Os diferentes jogos têm em comum o movimento, ou seja, existe a possibilidade de utilizar movimentos vários como o salto, a corrida, o lançamento, entre outros;
- Competição Saudável – Tal como o nome indica, existe sempre uma competição entre as crianças, mas é saudável, pois o mais importante é o convívio, saudar as pessoas ou os grupos vencedores, de certa forma, saber ganhar e perder;
- Festa – Significa que os jogos tradicionais são um dos momentos de maior descontração.

Todavia, existe a dificuldade em distinguir o jogo tradicional do jogo popular. Os jogos tradicionais são realizados por todas as classes e não só pelo povo, sendo que a sua transmissão é produzida oralmente e intergeracional, enquanto, o jogo popular é realizado pelo povo e é considerado como uma competição, onde existe prazer sobretudo no triunfo, pode ser considerado também como um momento de descontração e de divertimento.

No decorrer da Prática de Ensino Supervisionado foram observados alguns exemplos destes jogos tradicionais:

- Cabra Cega;
- Corrida de sacos;
- Jogo da macaca;
- Jogo do Berlinde;
- Jogo do Galo;
- Jogo do Lenço;
- Jogo do Pião;
- Jogo da Barca.

## 1.2 O Recreio Escolar

O espaço exterior da escola é claramente um local privilegiado para proporcionar momentos educativos às crianças, que merece a mesma atenção do educador que o espaço interior. O recreio permite uma grande diversidade de oportunidades de aprendizagem, tendo a vantagem de ser um espaço com outras características e potencialidades (Ministério da Educação, 1997).

Para Hohmann e Weikart (1997), o recreio escolar não potencia apenas habilidades motoras, como também, proporciona às crianças a interação, a experimentação, a exploração, a observação e a descoberta. Neste espaço as crianças sentem-se mais espontâneas e expressivas, uma vez que têm liberdade que dentro da sala não lhes é permitida.

No recreio escolar ocorrem predominantemente atividades espontâneas, que promovem não só o bem-estar físico da criança como também o seu sucesso académico e social (Ramstetter, Murray & Garner, 2010).

Tal como afirma Lopes (2006) "(...) constituem-se como momentos e oportunidade ótimas de estimulação e desenvolvimento de estilos de vida ativos."

O recreio escolar é considerado como um espaço promotor de brincadeira, a criança é o sujeito do seu próprio desenvolvimento, é ela que escolhe as atividades, os objetos, os sítios específicos do seu agrado e até mesmo os seus colegas. O ambiente social e físico, influenciam os comportamentos das crianças neste espaço.

Quando as crianças mais pequenas se encontram no recreio escolar, estão a desenvolver algumas etapas pertinentes do seu desenvolvimento, tais como, o reconhecimento do espaço, do tempo e até mesmo de si próprias. À medida que vão crescendo, estas etapas referidas anteriormente já estão desenvolvidas, com isto, começam a desenvolver outras etapas durante a sua estadia no recreio, como o envolvimento em atividades de grupo ou até em competições, levando assim a que sejam criativas na utilização do espaço e que inventem novas utilidades para os objetos que se encontram no recreio.

De acordo com a National Association for the Education of Young Children (NAEYC, 1997), são vários os benefícios associados ao recreio, com destaque para as quatro dimensões seguintes:

- Desenvolvimento social, decorrente da interação entre pares e que permite o desenvolvimento da socialização da criança através da aquisição de competências variadas como a cooperação, o desenvolvimento da linguagem, a percepção do outro, entre outros;

- Desenvolvimento emocional, decorrente da vivência de sentimentos variados fruto do leque de interações entre pares e que conduzem à aceitação do outro, à tolerância, ao autocontrolo, à gestão do stress e à gestão de conflitos;

- Desenvolvimento físico, decorrente da atividade física que funciona como escape da energia acumulada, mas também conduz ao desenvolvimento de destrezas motoras, com reflexos na dimensão psicológica da criança;

- Desenvolvimento cognitivo, decorrente dos comportamentos exploratórios, jogos e outras atividades que permitem o desenvolvimento de construtos intelectuais.

Para que todos estes benefícios se manifestem é necessário que o espaço do recreio escolar seja valorizado e pensado de modo a promover a criatividade, a improvisação, a recriação e a invenção de brincadeiras e jogos, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças. Assim, as escolas deveriam apostar na disponibilização de espaços que proporcionassem às crianças uma flexibilidade e diversidade de ações e um conjunto de experiências de jogo e de aprendizagem.

Segundo Lindholm, citado por Fedrizzi (2002), o tamanho e a forma dos lugares do recreio influenciam as atividades que as crianças desenvolvem. Existem lugares do recreio escolar, que são pequenos e íntimos, por outro lado existem lugares que podem ser grandes e muito desafiantes.

Tendo em conta o Dec./Lei 119/2009, de 19 de maio, “na concepção dos espaços de jogo e recreio deve atender-se à sua inserção no espaço envolvente, ao objectivo, ao uso e à aptidão lúdica” (Artigo 11º- Princípios Gerais). Contudo deve-se ainda ter em atenção a organização funcional, visto que, deve existir “o equilíbrio na distribuição de equipamentos e áreas, designadamente por hierarquização dos graus de dificuldade e pela previsão de zonas de transição, de modo a permitir a separação natural de actividades e a evitar possíveis colisões” (Artigo 11º- Princípios Gerais).

Deste modo podemos afirmar que a organização do espaço físico, os equipamentos e os materiais do recreio escolar são bastante importantes para o desenvolvimento das crianças porque é considerado um acréscimo da sala de aula e poderá proporcionar às crianças um largo leque de aprendizagens.

### 1.3 A importância da brincadeira no Recreio Escolar

Para Almeida (2005) a brincadeira deveria ser um direito para todos, uma necessidade básica e uma experiência rica e complexa. A brincadeira deveria ser uma das atividades mais importantes para as aprendizagens durante a vida das crianças, isto porque, a partir da brincadeira irão aprender a resolver a maioria dos seus conflitos, a desenvolver competências variadas, a imaginar, a desenvolver a criatividade, entre outros.

O recreio é um local muito desejado pelas crianças e tal como refere Neto (2009, p.25) “Todos os estudos demonstram que as crianças preferem brincar no exterior”, pois possibilita não só o contacto com o meio exterior e a sua exploração, como também possibilita as brincadeiras, os jogos e atividades livres de diferente natureza, sendo ainda um espaço que proporciona momentos privilegiados de libertação de energias. No recreio escolar, as crianças conseguem exprimir as suas necessidades e procuram determinar as realizações pessoais.

A brincadeira no recreio escolar, poderá ajudar aqueles que se encontram mais próximos das crianças (educadores e auxiliares), a detetar algum problema físico, psicológico, emocional, entre outros, que a criança poderá demonstrar quando se encontra mais distraída ao brincar.

Esta brincadeira ajudará a criança a estabelecer relações entre os pares; a ter noção do que significa a alegria, e a vida. No sentido de reforçar esta ideia saliento o que afirma Friendmann (1994) “(...) a brincadeira constitui-se, basicamente, em um sistema que integra a vida social das crianças.”

A relação entre os pares e a relação entre adultos e crianças é desenvolvida nestes momentos de recreio. Tal como afirma Manuela Ferreira (2004, p.102) estes momentos de brincadeira são atividades sociais promotoras de “um sistema classificatório dos diferentes contextos, relações e atores, bem como um conjunto de regras que permite aos participantes estruturarem as ações como elementos sequenciais das interações sociais”.

Isto é, a brincadeira é reguladora das interações sociais entre crianças e entre crianças e adultos. São construídos “(...) dois contratos sociais – o dos adultos com as crianças (brincar sem descambar) e o das crianças entre si (brincar com outras crianças).” Ferreira (2004, p. 102)

## 1.4 Relações entre os pares

À medida que a criança cresce, o seu mundo alarga-se e passa a incluir não só a família, como também os amigos. Há necessidade de encontrar o outro. Neste processo a criança aprende a adaptar os seus comportamentos, vai alterando as suas interações tornando-as cada vez mais rebuscadas. Em bebés as suas interações acontecem através de um olhar fixo ou por um contacto com o brinquedo. Progressivamente deixam de brincar lado a lado passando a ser capazes de brincar juntas, surgindo a “brincadeira cooperativa e recíproca” (Schaffer, 2004, pp.132-133).

O contacto com uma nova rede social de adultos e outras crianças é uma oportunidade para o desenvolvimento socio-emocional ao mesmo tempo que representa um desafio às capacidades de adaptação da criança num ambiente social complexo (Hayet al., 2004; Waters & Sroufe, 1983).

A criança começa a desenvolver capacidades de compreender os sentimentos de outra pessoa e de se importar com o que ela sente depois de passar por experiências de interações afetivas. “Só podemos sentir empatia se alguém tiver sido empático e afetuoso para connosco. As crianças são capazes de aprender comportamentos altruísticos, de fazer “o que está certo” mas o importar-se com outros seres humanos só se adquire através da vivência desse sentimento de compaixão numa relação permanente. ” (Wallon, 2002,p.32) assim, a “socialização deve ser vista (...) como um processo vitalício em que o comportamento humano é configurado de forma contínua por interações sociais, permitindo que os indivíduos desenvolvam o seu potencial, aprendam e se ajustem.” (Giddens. 2008,p. 27)

O processo de socialização desenrola-se de acordo com em duas etapas mais significativas: a socialização primária e a socialização secundária sendo esta posterior à primeira, uma vez que introduz o indivíduo já socializado em novas áreas da sociedade.

A família desempenha um papel preponderante no desenvolvimento sócio emocional e cabe-lhe promover a emergência da consciência social das crianças. No entanto, aquando da entrada no pré-escolar e à medida que a criança começa a conviver com o grupo de pares vai-se relativizando a influência do ambiente familiar (Pikunas, citado por Silva, 2008).

A criança será agora confrontada com a necessidade de se adaptar ao mundo exterior, enfrentando as exigências das tarefas do meio social extrafamiliar (Major, 2011,p.14). No jardim de infância, as crianças deparam-se com novos desafios que as preparam para aceitar normas sociais e para desenvolver um estilo próprio de relacionamento interpessoal. Pela interação com os adultos e seus pares, elas aprendem a corresponder às expectativas, regras e hábitos sociais. De facto, as relações sociais assumem um papel fulcral no desenvolvimento da criança, possibilitando-lhe a aquisição de um amplo novo mundo de novas aptidões, como por exemplo, a empatia, a necessidade de ter em conta a perspectiva do outro, a negociação e a cooperação.

Deste modo a escola, para além da família, assume um papel importante como meio de socialização da criança, uma vez que é na escola que as crianças experimentam novas formas de se relacionarem com os outros, novas aprendizagens cognitivas, emocionais e sociais que lhes permitem ir construindo a sua identidade (Schaffer, 1999).

O grupo de pares constitui um contexto de aprendizagem básica fundamental, dado que é neste contexto específico que as crianças aprendem a ter um conhecimento social mais alargado e desenvolvem habilidades sociais, que são de uma importância crucial no estabelecimento das interações presentes e futuras. Desta forma, os pares tornam-se agentes importantes no processo de socialização ao longo do desenvolvimento humano (Coleman, 1980; Hartup, 1984; Soares, 1990). Com efeito, é também nestas interações que a criança desenvolve competências de socialização e reconhece regras sociais e valores morais. Para além disso “o grupo de amigos fornece à criança um contexto que não só lhe facilita o acesso a novas experiências, como providencia uma companhia ou um pretexto para que lhe permita experimentar e refinar as suas potencialidades de dialogar, persuadir, tomar iniciativas, negociar, argumentar, cooperar, competir, perceber pontos de vista, antecipar, resolver problemas, expressar afetos e estabelecer relações de amizade” (Matos, 2000, citado por Almeida, 2000, p. 8).

Tal como refere Cruz (2000), normas pessoais, regras, disputa de objetos, hábitos e costumes, respeito pelos outros, lealdade e direitos pessoais são dimensões comuns da interação com os pares ou seja, através destas

interações, as crianças, por um lado, desenvolvem valores sociais fundamentais para que consigam viver em sociedade e, por outro lado, têm também um papel determinante no controlo das suas emoções e na interpretação das experiências emocionais.

Portanto, segundo Cruz (2000), o desenvolvimento social das crianças parece ser fortemente influenciado pelo tipo de relação que ocorre no contexto do grupo de pares, uma vez que é através desta interação que as crianças se vão apropriando da “cultura” do grupo, interagindo e negociando com ele e aumentando o seu conhecimento social.

A oportunidade para interagir com outros (pares) é muito importante para o desenvolvimento da criança. Através das interações sociais, a criança começa a estabelecer a noção de “eu” e a saber o que os outros esperam dela, além disso, ao interagir com seus pares, as crianças desenvolvem a linguagem, capacidades cognitivas e habilidades motoras.

Além das características já mencionadas as crianças dentro de um grupo de pares possuem determinadas atributos (popular, líder, rejeitada), ou seja num grupo é-lhes atribuído um determinado estatuto. Este estatuto permitirá à criança atribuir e assimilar opiniões sobre estes atributos.

A amizade, a agressividade e o isolamento são construtos evidenciados nas brincadeiras entre crianças e por isso serão abordados de seguida.

### 1.3.1 A amizade no pré-escolar

Machado (2000) sustenta que os amigos são como parceiros imprescindíveis na socialização e nas diferentes aprendizagens das crianças sejam elas de natureza emocional, afetiva, moral, social, escolar ou social. Deste modo, na perspetiva do autor, os amigos são considerados como companheiros de brincadeiras e como modelos, em que a criança vai imitá-los e também se vai comparar com eles.

Por norma, as amizades são relações de ligação esperadas por ambos os pares, logo à partida, espera-se que os melhores amigos passem a maior parte do tempo juntos, do que propriamente com os restantes amigos. É possível verificar que as crianças têm sentimentos, comportamentos (intimidade, confiança e liberdade) diferentes relativamente aos seus colegas e

as suas relações para com estes também o são. (Bukowski; Pizzomiglio; Newcomb; Hoza. 1996)

Para Schaffer (2004) a partir dos três anos as crianças selecionam mais as suas escolhas tornando a amizade numa característica evidente e apreciada. Estas relações são deliberadamente selecionadas, o que corrobora com a opinião de Hartup (1996) que refere o facto de crianças demonstrarem preferências por outras crianças poderá ter a ver com as competências sociais.

Os amigos têm um papel pertinente na socialização e nas diversas aprendizagens das crianças, quer isto dizer, que as amizades são fundamentais na vida das crianças, mas como tudo, sofrem alterações durante o seu crescimento e desenvolvimento. Podemos verificar que as amizades refletem o nível social, psicológico, cognitivo e o de desenvolvimento da linguagem.

Durante as atividades que as crianças realizam no seu quotidiano, estão sempre acompanhadas por gestos, tais como, sorrisos, olhares, conversa, entre outros. Existem também outras características nas relações de amizade, sendo manifestadas de forma diferente, o companheirismo, a afetividade e a intimidade. O companheirismo está relacionado com o divertimento em conjunto. A afetividade e a intimidade nestas idades ainda não estão muito presentes, mas observam-se o divertimento e a partilha como sinal de amizade. (Howes, 1996 e 1988).

Outros autores referem que a amizade também pode ser baseada no tempo despendido na brincadeira entre pares. (Hayes, Gershman & Bolin, 1980). As crianças, no jardim de infância, revelam a necessidade de presença do grupo de pares quando são isolados pelo grupo ou quando desejam ser as mais populares dentro da sala, ou ainda, quando falta um amigo e sentem a falta da sua presença. Estão a dar os primeiros passos em direção à amizade.

O género nas relações de amizade também é importante, por norma os rapazes brincam com os rapazes e as raparigas brincam com as raparigas, contudo, existem pares mistos, ou seja, existem crianças dos diferentes géneros que se interessam pelos mesmos jogos. (Howes, 1988).

No período pré-escolar as crianças revelam já preferências claras por determinados pares, comportando-se de uma forma diferenciada com os seus eleitos e é com esses que desenvolvem mais comportamentos adequados. O

primeiro indicador de atração social é sustentado pelas trocas, pela complementaridade nos jogos e pela mutualidade na direção do afeto (Hartup, 1992). É também com os amigos que a criança trava mais conflitos conseguindo, no entanto, encontrar resoluções igualitárias. Esta dimensão dos conflitos na idade pré-escolar revela algumas peculiaridades. Durante os mesmos as crianças tendem a afastar-se e a revelar uma hostilidade acentuada para se aproximarem logo após à resolução igualitária do mesmo (Rubin, Bukowski, & Parker, 1998).

Garcia (2005) acrescenta que as amizades facilitam a adaptação da criança ao contexto escolar e a aceitação pelos colegas, promovendo também o ajustamento da criança tímida à escola, ao contribuir para a elevação da sua auto-estima e conseqüente proteção contra a solidão e ansiedade.

Acrescenta ainda que alguns autores averiguaram que crianças com amigos recíprocos possuem índices superiores de competência social quando comparadas com crianças sem amigos recíprocos (Garcia, 2005).

Salientam-se também estudos que demonstram que crianças caracterizadas pela agressividade e isolamento apresentam grandes dificuldades no relacionamento entre pares, manifestando-se mais isoladas, carentes, insatisfeitas e com grande probabilidade de desenvolverem uma relação educador/criança desajustada (Cassidy & Asher, 1992; Berlin, Cassidy & Belsky, 1995; Ladd & Burgess, 1999; citados por Silva, Veríssimo & Santos, 2004).

### 1.3.2 A agressão

A identificação de problemas comportamentais e emocionais na infância deverá ser cautelosa, contextualizada e bem diagnosticada. Existem problemas/dificuldades que são meramente transitórios e outros que tendem a ser normativos em determinadas faixas etárias, ou em dadas circunstâncias. Não obstante, se uma visão alarmista poderá prejudicar o bem-estar da criança, esconder ou evitar um problema real será igualmente prejudicial, podendo este tomar contornos graves e permanentes.

Conjugando conhecimentos dos modelos desenvolvimentais e das investigações empíricas, Campbell (1991) esclarece a existência de

continuidade e descontinuidade nos problemas comportamentais identificados no pré-escolar. Assim, nem todos os comportamentos ativos, agressivos ou de dificuldades relacionais continuarão anos mais tarde, embora, uma parte substancial tende a manter-se ou até mesmo a agravar. Em que condições estes problemas persistem e quais os fatores que contribuem para a sua resolução desenvolvimental, são as questões colocadas. O desenvolvimento e a manutenção dos problemas comportamentais e conseqüentemente uma fraca adaptação, tem interligado uma panóplia de factores que são complexos, relacionados com a própria criança, a família, o grupo de pares e o ambiente social envolvente.

Incidentes no ambiente social ou exigências da subcultura grupal podem prejudicar o desenvolvimento harmonioso do comportamento da criança, favorecendo a aquisição de estilos anti-sociais nas relações interpessoais (Prette & Prette, 2004).

Segundo Garcia (2005) a agressividade é encarada pelas crianças como um fator de distanciamento, dificultando o estabelecimento de amizades. Deste modo, quanto mais agressiva é uma criança menos aceita socialmente e pelos colegas em termos de amizade. No entanto, há correlações positivas de comportamentos agressivos entre crianças populares e seus amigos mútuos, indicando que crianças agressivas podem-se atrair mutuamente (Ray, Cohen, Secrist & Duncan, 1997 citados por Garcia, 2005).

Nas relações entre pares, podem ocorrer incidentes que se traduzem, por vezes, em agressões verbais e/ou físicas, resultando danos físicos, psicológicos e morais, quer nos indivíduos envolvidos, quer no restante clima escolar (Amado & Freire, 2009).

Seja qual for o tipo de agressividade, o facto é que as conseqüências se revelam sempre negativas. Grande parte das agressões que têm lugar em contexto escolar “são reacções emocionais a um impulso, a uma provocação ou atitude hostil” (Velez, 2010). Uma possível estratégia de intervenção ou prevenção passaria pela gestão de conflitos negativos geradores de emoções tais como a tristeza, inferioridade, frustração, ira, etc., pois o desenvolvimento de competências de gestão de emoções nas crianças permitirá um funcionamento mais adaptativo, seja em qualquer situação ao longo da vida (Moreira, 2006).

Existem vários tipos de agressão, os mais comuns em crianças do jardim de infância são: Agressão Aberta e Agressão Relacional. No seguinte quadro, explicitam-se as diferenças:

Agressão Aberta	Agressão Relacional
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Formas físicas de agressão (Bater, empurrar, ameaçar os outros, entre outros);</li> <li>• Utilizado para atingir os seus objetivos pessoais;</li> <li>• Característica presente nos rapazes;</li> <li>• Quando querem prejudicar outras crianças, utilizam comportamentos para os atingir, como prejudicar aquilo que tem mais valor para os outros.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Prejudicam os pares através da manipulação e destrói as relações entre as crianças;</li> <li>• Característica mais realçada nas raparigas, pois são mais efetivas no impedimentos da afiliação e na intimidade, estando apenas focadas na interação social;</li> <li>• É o tipo de agressão onde as crianças sofrem mais, com tristeza e angústia;</li> <li>• Poderá prejudicar também aqueles que a praticam, pois significa que não estão bem emocionalmente.</li> </ul>

Quadro nº 1- Diferenças entre a Agressão Aberta e a Relacional (Parker e Asher, 1987)

De acordo com Pereira (2008) os recreios são alvo de atenção por partes dos investigadores, pois apesar de a maioria das crianças ser no recreio que passam os seus melhores momentos do dia, é também nos recreios que ocorrem mais práticas de agressão e vitimação.

Se o local da escola onde os conflitos interpessoais são mais frequentes é o recreio, a fraca supervisão parece ser uma das razões principais para que tal aconteça. Perante este facto, torna-se urgente repensar os recreios. Primeiramente, é fundamental resolver o problema da falta de vigilância destes, pois as crianças, ao serem deixadas sós, muitas vezes têm conflitos em

resultado da dificuldade em se organizarem. Adicionalmente, é fundamental reinventar estes espaços, uma vez que estes frequentemente são reduzidos, superlotados, sem equipamento de jogo, monótonos e com pouca diversidade de atividades (Grossi & Santos, 2009; Pereira, 2008).

### 1.3.3 Isolamento Social

Existem situações em que as crianças mostram alguns problemas de interação com os pares e a solidão que poderá vir na rejeição destes, pode gerar comportamentos de desajustamento social.

No isolamento social existem também comportamentos solitários, que podem ser demonstrados a curto ou a longo prazo (podendo ser considerados como fatores de risco). Nestes comportamentos solitários podem emergir indicadores de insegurança e ansiedade social. (Coplan, Rubin, Fox, Calkins, Stewart, 1994)

As crianças que se encontram isoladas são consideradas de risco, algumas por serem demasiado tímidas, preferindo brincar sozinhas, mas mesmo assim é uma situação que se deve ter em consideração.

Existem autores que dizem que no isolamento social das crianças do pré-escolar estão explícitas à imaturidade e às fracas capacidades de socialização. (Hinde, Tamplin, Barrett, 1993)

As crianças com estas características recorrem muito ao adulto quando acontece alguma coisa ou quando surge algum problema. A capacidade de resolução de conflito exige envolvimento social e competências que estas crianças ainda não têm. Assim, algumas crianças são negligenciadas pelos pares, sendo consideradas com indiferentes porque não existe participação social.

## 1.4 Papel do educador

O termo profissionalidade docente reporta-se, segundo Katz (1993, citado por Oliveira-Formosinho, 2001, p.80) “ao crescimento, racionalidade e eficácia dos conhecimentos, competências, sentimentos e disposições para aprender ligadas ao exercício profissional dos educadores de infância.”

Educar crianças em idade pré-escolar abarca toda a globalidade de um processo, uma vez que a criança desenvolve competências afetivas, sociais e cognitivas, num conjunto de sucessivas experiências. Para Zabalza (1987) a criança é um projeto global que requer por parte das educadoras, um aumento da responsabilidade (Oliveira-Formosinho, 2001).

Tendo em conta a Lei-Quadro n.º 241/2001, o educador deverá observar cada criança e planificar atividades e projetos tendo em conta as suas necessidades e o seu desenvolvimento. Só assim, poderá proporcionar ao grupo, atividades que sejam promotoras de aprendizagens significativas, por outras palavras – “a importância da intencionalidade pedagógica do educador e das suas competências” estimula o pensamento e a ação das crianças (Meirinho, 2012, p.26).

Katz e Chard (1997) afirmam que uma educação só se adequa em pleno às crianças, quando a pessoa que está com elas se interessa e esforça, por compreender melhor as suas experiências, incentivando-as a colocarem questões, a resolverem dificuldades e a aumentarem o seu conhecimento. Na perspetiva das referidas autoras, a metodologia de trabalho de projeto dá oportunidade às crianças de vivenciarem todos estes momentos e parcialmente construir as suas próprias aprendizagens.

Desta forma torna-se fundamental que a profissão – educador de infância – seja regida por momentos pedagógicos de caráter construtivista, que identifiquem a criança como indivíduo competente e participante (Oliveira-Formosinho, 2007).

O educador de infância deverá assumir o papel de mediador, proporcionando ao grupo, variadíssimas atividades, experiencialmente ricas, que ofereçam a cada uma das crianças aprendizagens diversificadas e que se tornem significativas para o seu desenvolvimento, respeitando a sua

individualidade, bem como o seu contexto sócio-cultural (Lei-Quadro n.º241/2001).

#### 1.4.1 O papel do Educador no Recreio Escolar

“O espaço exterior é um local que pode proporcionar momentos educativos intencionais, planejados pelo educador e pelas crianças.” Ministério da Educação (1997, p.39).

O educador poderá aproveitar as situações de aprendizagem que são feitas no espaço interior, neste caso na sala de aula, e transpô-las para o exterior (recreio escolar), usando, assim, estratégias distintas para promover as aprendizagens das crianças.

As situações de aprendizagem caso sejam planejadas, terão de ser planejadas com o devido cuidado, e delineadas estratégias adequadas às situações.

“Sendo um prolongamento do espaço interior, onde as mesmas situações de aprendizagem têm lugar ao “ar livre”, permite uma diversificação de oportunidades educativas, pela utilização de um espaço com outras características e potencialidades.” (Ministério da Educação 1997, p.39)

Quando as crianças se encontram no recreio escolar, em brincadeira livre, o educador poderá recorrer a estes momentos de atividades informais para observar as crianças, interagir com as mesmas, e também desenvolver as iniciativas propostas por elas.

Cunha refere que a presença e participação do adulto no desenvolvimento da brincadeira/jogo são muito importantes e têm um valor muito significativo para a criança. O autor diz ainda que “a participação do adulto pode enriquecer e dar prestígio à brincadeira”. Salienta também que “Brincar junto reforça os laços afectivos e, geralmente, as crianças gostam quando um adulto quer brincar com elas, pois sentem que o jogo assim se torna mais valorizado”. No entanto, o autor realça que a participação do adulto deverá limitar-se “a uma sugestão, uma mediação, um esclarecimento, ou uma participação de igual para igual, para que não haja restrição à iniciativa das crianças” (Cunha, 1994, p. 67).

A participação dos adultos no recreio também é relevante para se detetar comportamentos desviantes. Tal como Silva, Veríssimo e Santos (2004, p.109) referem que “o meio escolar é, assim, um palco privilegiado para a observação de comportamentos disfuncionais, pois é na entrada para o jardim

de infância que a criança começa a adaptar-se socialmente, inserindo-se ou não em grupos de pares”.

Assim, o educador tem de ter disponibilidade para ouvir, privilegiar metodologias de trabalho que gerem na criança o gosto por aprender a aprender, em que a brincadeira/ jogo é um excelente veículo para que isto aconteça. Cabe-lhe procurar formas negociadas de resolução de conflitos, educando desta forma as crianças para práticas imbuídas de valores. Estes são os ingredientes importantes para o aumento da auto-estima e para uma aprendizagem duradoura e eficaz. Compete ao educador esforçar-se para educar futuros cidadãos numa sociedade democrática, num mundo em rápida mutação em que a globalização coloca novos desafios.

## 2. Metodologia de Investigação

---

### 2.1 Descrição do estudo

As investigações em ciências sociais e humanas podem, geralmente, ser classificadas, em “metodologias quantitativas” que estão mais associadas ao tradicional paradigma “positivista que procura encontrar relações de causa-efeito entre fenómenos e que privilegia” métodos de investigação de natureza experimental e, por outro lado, as “metodologias qualitativas” que estão mais associadas ao “paradigma interpretativo” (Esteves, 2006, p. 105).

Na realização deste estudo, adotamos uma metodologia de natureza qualitativa que, tem tido, nas últimas décadas uma maior afirmação “na abordagem e tratamento dos fenómenos educativos” (Esteves, 2006 p. 105).

Neste contexto, para dar resposta ao desenvolvimento do projeto e às possíveis opções metodológicas pretendemos realizar uma investigação de natureza descritiva assente no paradigma interpretativo/qualitativo. Podendo este paradigma ser visto como “um conjunto de crenças básicas que tratam de princípios de partida ou últimos”(Guba & Lincoln, 1994, p. 107).

Esta escolha advém do objeto de estudo e das questões de partida. Neste sentido Carmo e Ferreira (2008), referem que este tipo de investigação implica estudar, compreender e explicar a situação atual do objeto de investigação incluindo as técnicas de recolha de dados e o modo como o investigador pretende conduzir o estudo.

Assim, a investigação qualitativa tem como principal finalidade a “compreensão dos fenómenos ou características de uma dada população” e no que diz respeito “aos traços metodológicos, este tipo de orientação pode comportar, nível da recolha de dados, tanto estratégias quantitativas como qualitativas” (Oliveira, Pereira & Santiago, 2004, p. 27).

Esta investigação, sendo qualitativa também é descritiva na medida em que os dados são recolhidos sob a forma de palavras ou imagens e não de números e ainda analisados de forma indutiva uma vez que não é objetivo do investigador recolher dados/provas que confirmem ou infirmem hipóteses construídas previamente. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 50), o processo de análise de dados na investigação qualitativa é “como um funil” e estes

autores explicam dizendo que as coisas estão abertas de início e vão-se fechando e especificando à medida que a investigação vai acontecendo.

No sentido de conhecer e compreender as interações das crianças no recreio escolar e as concepções das educadoras de infância sobre este assunto, foram criadas as seguintes questões de investigação:

- I. Que percepção têm os educadores sobre o Recreio Escolar?
- II. Qual o papel do educador no Recreio Escolar?
- III. Que relações são estabelecidas entre os pares, enquanto as crianças se encontram no Recreio Escolar?

Uma outra característica da investigação qualitativa e que está presente nesta investigação diz respeito à fonte direta de dados que são recolhidos em ambiente natural e completados pela informação a obter através do contacto direto com o grupo em estudo, as crianças, fazendo do investigador um instrumento principal. Bogdan e Biklen (1994) referem que o investigador qualitativo entende que as suas ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência.

Os métodos de investigação utilizados foram instrumentos de medida que serviram para dar “a qualidade informativa dos dados obtidos na investigação” (Coutinho, 2011, p.104) em função da problemática identificada. Na técnica de recolha de dados recorri à entrevista semiestruturada, realizadas às educadoras cooperantes, e às notas de campo recolhidas no recreio escolar no decorrer do estágio.

O processo de pesquisa foi, assim, evoluindo em seis níveis interativamente relacionados: 1) investigador, 2) paradigmas de investigação, 3) estratégias e métodos de investigação nos paradigmas qualitativos, 4) técnicas de recolha de materiais empíricos, 5) métodos de análise de informação 6) avaliação e conclusão do projeto de pesquisa (Colás, 1998; Denzin & Lincoln, 1994; Miles & Huberman, 1994; De Pablos, 1995; citados por Aires, 2011).

### 2.1.1 Procedimento

No momento da definição da problemática a ser investigada no relatório final de Mestrado, senti uma motivação e um interesse em conhecer o recreio escolar e as interações das crianças nestes momentos, na medida em que pode ser uma mais valia para o meu trabalho enquanto profissional na área da educação. Pelo facto de poder ampliar o meu conhecimento académico e científico e assim, enquanto agente educativo, contribuir para o desenvolvimento humano e social das crianças.

Durante a Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar, e depois de uma conversa com a educadora cooperante, relativamente ao tema do relatório final e a importância que tinha para o meu futuro como educadora de infância. Ficaram decididos o tema e as técnicas de recolha de dados através da observação (notas de campo) e de entrevistas, para obter as informações necessárias.

Quando se pretende efetuar uma investigação com crianças torna-se fundamental abordar questões relacionadas com a ética na medida em que numa investigação é necessário salvaguardar princípios e direitos destes indivíduos.

No âmbito da ética relativamente à investigação com sujeitos humanos, e mais concretamente com crianças, que são os sujeitos envolvidos nesta investigação, existem duas questões dominantes: o consentimento informado e a proteção dos sujeitos contra qualquer espécie de danos (Bogdan e Biklen, 1994). Para tal foi entregue na instituição um pedido para a realização deste estudo (cf. anexo 1)

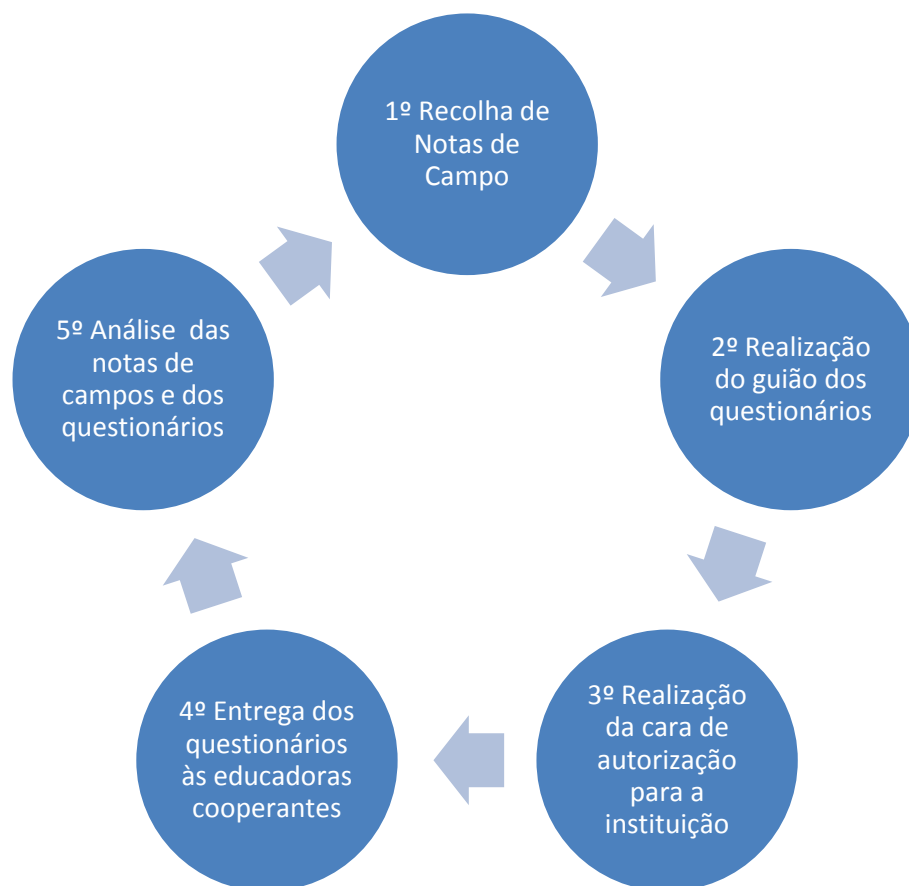
As notas de campo foram recolhidas entre Abril e Junho de 2014, de manhã ou de tarde, num local específico o Recreio Escolar, observei as crianças em grupo e individualmente.

Em Agosto de 2014, foi realizado um guião da entrevista a realizar às educadoras cooperantes.

No mês de Outubro de 2014, foram realizadas as entrevistas às educadoras, pois como o início dos anos letivos são bastante trabalhosos, decidi entregar só neste mês, para não atrapalhar qualquer o funcionamento da escola.

Entre o mês de Outubro e de Novembro de 2014, foi realizada a análise das notas de campo e das entrevistas efetuadas às educadoras.

Durante estes meses, foi bastante pertinente a pesquisa recolhida para uma melhor compreensão dos objetos de estudo.



Quadro nº 2 – Cronograma do procedimento da metodologia

## 2.2 Técnicas e Instrumentos de Recolha Dados

A metodologia utilizada, para a concretização deste relatório final é de forma qualitativa, teve como base a realização de observações diretas naturalistas, isto é, as notas de campo, sendo que o objeto de estudo em causa seria o Recreio Escolar como local de interação entre crianças.

### 2.2.1 Participantes do estudo

O estudo foi realizado com um grupo de crianças pertencentes à sala dos 5/6 anos, constituído por 19 crianças, sendo onze do sexo masculino e oito do sexo feminino. As idades variam entre os 5 os 6 anos, 8 crianças com cinco anos e 11 crianças com seis anos. A maioria do grupo de crianças frequenta a instituição desde os três anos.

As 3 educadoras da instituição também foram intervenientes ao colaborarem na realização da entrevista.

### 2.2.2 Observação

Julgo ser de grande importância e utilidade esta forma de registo na prática com as crianças, isto porque, através da observação o educador consegue conhecer as atitudes e os comportamentos das crianças.

Segundo Madalena Freire (2007, p. 35), a observação é uma das bases mais importantes no trabalho do educador, isto é:

“Tem que haver um ponto para ser olhado, perseguido, pois é um momento de estudo e reflexão sobre a prática. Essa reflexão precisa ser guiada. Só se aprende com o que se faz, quando há sentido e significado na observação da prática. Para isso, o professor/educador necessita de estar atento aos erros e acertos que comete na situação de ensino e aprendizagem. Não basta uma observação intuitiva. Ela deve ter foco.”

Reconhecida como uma técnica de recolha de dados, relevante e fidedigna, uma vez que a informação recolhida não é, nas palavras de Afonso (2006), condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos indivíduos, observar consiste no registo escrito, ou filmado, pelo investigador em causa.

De acordo com Afonso (2006), numa primeira abordagem, é pertinente distinguir observação estruturada (também conhecida como observação sistemática) e observação não estruturada (ou observação de campo). Maioritariamente, uma observação é quase sempre estruturada, uma vez que o seu ponto de partida constitui sempre um questionamento específico do contexto empírico em causa, organizado a partir das questões de partida.

Também Graue e Walsh (2003, p.129) dissertam acerca desta temática, afirmando que “os bons observadores vêm coisas que os outros não vêm”. Os

autores concordam com Maclean (1976 citado *por* Graue & Walsh, 2003) quando este afirma que todas as observações são, inicialmente, visíveis a todos os comuns observadores, mas só depois começamos a reparar naquilo que o observador comum é incapaz de observar.

Ao realizarmos esta técnica devemos utilizar fichas ou grelhas definidas em função dos objetivos de pesquisa (Afonso, 2006). Numa primeira fase devemos registar tudo aquilo que observamos, o que implica que grande parte do trabalho de campo consista em apreender tudo aquilo que se passa em nosso redor. A forma como capturamos esses momentos, depende, tal como referem Graue e Walsh (2003), de cada investigador.

Os autores, anteriormente referidos, apelam ainda ao conceito de *particularidades concretas*, Erickson (1986, citado por Graue & Walsh, 2003) afirma que o objetivo da observação é registar as *particularidades concretas* da vida quotidiana. Com o propósito de oferecermos melhor compreensão aos leitores, por particularidades concretas entendemos, e corroboramos com os autores mencionados, os pormenores que tendencialmente não observamos, tais como: (i) vestuário; (ii) cabelo; (iii) expressões; (iv) postura, entre outros.

No estudo que se apresenta, a observação foi realizada numa sala de jardim de infância, por intermédio de observações naturalistas, nas quais o investigador assumiu um papel ativo, pois de acordo com Bogdan e Biklen (1994), nestes casos, o investigador frequenta os locais onde se verificam os fenómenos que despertam o seu interesse. Deste modo, as observações tornaram-se numa técnica indispensável para esta investigação, pois para Carmo e Ferreira (1998), observar reporta-nos para o ato de selecionar informação pertinente, por via dos órgãos sensoriais, a fim de poder descrever, interpretar e agir sobre a realidade em questão.

As observações incidiram no decorrer do estágio, em situações de recreio escolar, tendo em consideração as atividades, pensadas e planificadas, bem como os comportamentos demonstrados pelas crianças, em diversas brincadeiras. Situações que nos levam a enunciar as palavras de Portugal (2009) quando refere a escuta da criança nas suas diversas linguagens, promovendo assim, o desenvolvimento de competências observacionais, reflexivas e investigativas. A realização desta técnica teve por base uma grelha

de observação e os resultados obtidos representam-se sob a forma de notas de campo.

### 2.2.3 Notas de Campo

As notas de campo recolhidas, levam-nos a ter um compromisso com cada criança de forma individualizada, ou seja, quando relatamos aquilo que observámos, é necessário refletir sobre a nossa atitude, a nossa intervenção e a perceção das necessidades de cada uma das crianças. Por isso, as notas de campo terão de ser concretas e não vagas.

Para Peltó e Peltó (1987, p. 71) “ (...) em qualquer caso, o investigador deve descrever as próprias observações e não as inferências elementares derivadas dessas observações.”

Bogdan e Biklen (1994, p. 150) referem que as notas de campo são “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo.”

As notas de campo são um, deste modo, um instrumento pertinente para ser utilizado na recolha de dados e muitos autores defendem que devem ser registos minuciosos, escritos e focados. Máximo-Esteves (2008, p. 88) afirma “ (...) notas interpretativas, interrogações, sentimentos, ideias, impressões que emergem no decorrer da observação ou após as primeiras leituras.”

### 2.2.4 Entrevistas

Uma das técnicas de recolha de dados utilizada foi a entrevista, a entrevista, semiestruturada feita às educadoras da instituição através de guião estandardizado, ou seja instrumentos ou técnicas de recolha de dados que incluam “procedimentos uniformes e consistentes para a administração, avaliação e interpretação de resultados” (Moore,1983; Wiersma, 1995 citado por Coutinho 2011,p. 105).

Neste tipo de investigação, a entrevista é utilizada para “recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito” proporcionando ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a forma como os sujeitos interpretam uma determinada realidade (Bogdan e Biklen, 1994, p: 134).

A entrevista, é uma das técnicas de recolha de dados mais utilizada, pois pode ser realizada de várias formas. Segundo Fontana e Frey (1994), as entrevistas podem ser de forma individualizada/falada; em grupo ou até mesmo por meios alternativos, como o correio, o computador, entre outros.

As entrevistas podem ser diversificadas, podem ser direcionadas para um grupo pequeno ou um grupo vasto; podem ter um enorme número de temas e por fim, segundo Colás (1992) as entrevistas podem ser diferentes em relação ao grau de determinação, a estrutura das questões, pode ser profunda ou não diretiva, focada e estruturada.

As entrevistas realizadas para este relatório final, são chamadas entrevistas mediatizadas, pois foram realizadas por um meio alternativo, via correio eletrónico.

### 2.3 Tratamento de dados

Este trabalho baseia-se essencialmente em notas de campo, e em entrevistas. É de salientar que com este dispositivo metodológico temos de ter em conta o exercício da triangulação, ou seja, a existência de uma combinação entre a observação participante e as entrevistas nos dados provenientes das diversas fontes e ainda uma triangulação das interpretações fomentada pela abordagem dos diversos temas.

Segundo Denzin e Lincoln (1994) a triangulação dos dados é:

“uma ferramenta ou uma estratégia de validação, é uma alternativa à validação. A combinação de diferentes perspetivas metodológicas, diversos materiais empíricos e a participação de vários investigadores num só estudo deve ser vista como uma estratégia para acrescentar rigor, amplitude, complexidade, riqueza, e profundidade a qualquer investigação.”

O quadro apresentado no capítulo seguinte, representa os dados recolhidos para uma leitura mais compreensiva demonstrativa dos resultados obtidos.

### 3. Apresentação de dados

Neste capítulo apresentam-se os dados recolhidos e a respetiva análise. Para melhor analisar os resultados obtidos, optou-se pela elaboração de um quadro com a triangulação dos dados.

#### 3.1 Análise de dados

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Educadora de Infância 1</b> (Entrevista)	<b>Educadora de Infância 2</b> (Entrevista)	<b>Educadora de Infância 3</b> (Entrevista)	<b>Crianças</b> (Notas de campo)
Recreio Escolar no Jardim de Infância	Conceito	“Espaço, preferencialmente ao ar livre, de brincadeira não orientada, com recursos para explorar e com a possibilidade de interagir com os restantes alunos de outras salas e diferentes idades. Também pode ser usada para atividades com gincanas, estafetas, jardinagem.”	“Para mim, o recreio é o lugar por excelência para a brincadeira livre. É também o lugar onde as crianças usam alguns brinquedos que trazem de casa.”	“Recreio é um espaço ao ar livre (de preferência) com uma boa área, de forma a permitir brincadeiras movimentadas livres ou orientadas.”	
		“O Recreio contribui, a par com outras situações, para uma maior e melhor	“O recreio contribui para o desenvolvimento global das crianças. É ótimo a	“Permite brincadeiras diferentes das feitas na sala. Dependendo do tipo	

	<p>Importância</p>	<p>socialização e para melhorar a capacidade das crianças se organizarem em diferentes brincadeiras e para aprenderem a resolver conflitos fora do contexto de sala de aula.”          “Aprendem a lidar com e a respeitar crianças de outras idades, aprendem a gerir conflitos, aprendem a partilhar brinquedos e têm a possibilidade de fazer outras brincadeiras e jogos próprios de recreio.”</p>	<p>nível da socialização entre as crianças das várias salas e idades. É excelente para o desenvolvimento da motricidade.”          “No recreio as crianças aprendem a relacionar-se umas com as outras, aprendem a usar o material nele existente com cuidado e respeito. Aprendem a partilhar, etc.”</p>	<p>de recreio, permite ainda o contacto com a natureza. Promove a socialização entre diferente idade. É um excelente contributo para o desenvolvimento da motricidade.”          “Para além das expostas na resposta anterior, aprendem a partilhar com os outros os brinquedos, a brincar em grupo, a respeitar as regras dos jogos, a movimentar-se num espaço mais amplo.”</p>	
<p>Recreio Escolar no Jardim de Infância</p>	<p>Papel do Educador</p>	<p>“A primeira reação é sempre de espera, na expectativa de que sejam capazes de resolver sozinhas os conflitos; se for necessário intervir, procuro que através das minhas perguntas as crianças sejam levadas a concluir da justiça ou injustiça das suas posições. A minha intervenção só é imediata quando está em causa a segurança de alguma</p>	<p>“Normalmente, a nível do recreio só me aproximo para resolver conflitos se perceber que as crianças não os conseguem resolver sozinhas.”          “Sim, porque sendo o educador/adulto um modelo para as crianças a sua presença ajuda-os na orientação e concretização das diferentes brincadeiras.”          “Além de usar o recreio para brincadeira livre,</p>	<p>“Inicialmente observo e espero que consigam resolver sozinhas (caso não seja assunto grave), o que acontece na maior parte das vezes. Se tal não acontecer, participo e ajudo na resolução do problema.”          “A presença do adulto é importante nas horas de recreio. É uma forma de observar comportamentos e atitudes e de interação com as crianças.</p>	<p>“ (...) para adquirirem uma melhor aprendizagem. Aqui podemos encontrar o procedimento de imitação e de eco.”          Nota de Campo, 11 de Junho de 2014          “ As crianças encontravam-se exaustas de estarem sempre em silêncio e sem puderem brincar um pouco que fosse, por isso e para</p>

<p>Recreio Escolar no Jardim de Infância</p>	<p>Papel do Educador</p>	<p>criança.” “O educador é sempre e em todos os espaços da escola um modelo; assim deve também estar presente no recreio, pois é um espaço de aprendizagem e crescimento como outros.” “Uso-o para brincadeira livre e espontânea das crianças, mas também para jogos orientados para contar histórias, para brincadeira de faz de conta, para fazer gincanas, jardinagem, brincar com água, etc. É também um espaço de excelência para observarmos como convivem com meninos de outras salas e idades. O recreio para mim, é também um local para libertar energias através de brincadeiras espontâneas mais enérgicas.” “As crianças são capazes e mestres na arte de</p>	<p>uso-o também para jogos, para contar histórias, para fazer atividades como digitinta, para brincar com a água, etc.”</p>	<p>Importante ainda como mediadora de conflitos e promotora de brincadeiras/jogos.” “Utilizo o recreio como uma extensão da sala, onde se pode contar histórias, fazer pinturas, observar o céu e as plantas e essencialmente como espaço de brincadeira livre.”</p>	<p>descontrair um pouco a seguir ao lanche, decidi fazer um pequeno jogo com algumas das crianças que já estavam “sem forças” para brincarem ao final do dia com os seus colegas.” Nota de Campo, 9 de Junho de 2014</p>	<p>“ (...) reparei em duas crianças em particular,</p>
		<p>“O material existente no recreio consegue</p>	<p>“Sim. Como sempre, o material, por muito que</p>	<p>“Sim. Como sempre, o material, por muito que</p>	<p>“ (...) reparei em duas crianças em particular,</p>	

<p>Recreio Escolar no Jardim de Infância</p>	<p>Material disponível no recreio escolar</p>	<p>transformar o que têm à mão. No meu caso em particular as crianças podem trazer de casa brinquedos que usam no recreio. Por vezes, o material existente não chega para todas as solicitações, mas isso obriga a esperar a sua vez a aprender a partilhar, a negociar a utilização dos materiais que têm ao seu dispor.” “Gostava que houvesse alguns brinquedos fixos (Como escorrega, “See-Saw”, etc.)” “Encaram como mais valia para as suas brincadeiras e dão-lhes múltiplas utilizações, diferentes da original, exemplo cavalos de balancé, usam vários sobrepostos e constroem um muro.” “Geralmente resolvem os conflitos discutindo e negociando. Cada vez mais, vão sendo capazes</p>	<p>“transformar-se” através da imaginação em crianças variadíssimas coisas. Logo penso que é suficiente para as nossas crianças.” “Gostava que o nosso recreio tivesse um pequeno parque com baloiços, escorrega, etc.” “As crianças encaram estes materiais como uma mais valia para as suas brincadeiras e aprendem a usá-los com respeito e a partilhá-los com os outros.”</p>	<p>seja, provoca sempre algum conflito, todos querem brincar com o mesmo, o que os leva a aprender a partilhar. Como podem também brincar com os brinquedos de casa formam grupos de brincadeiras.” “Talvez, alguns brinquedos fixos que permitissem outro tipo de jogos de destrezas.” “Como fontes inesgotáveis de brincadeira qualquer material serve para o seu uso normal e para todo aquele que a imaginação das crianças cria.”</p>	<p>o Francisco B. e o Vasco N. S., isto porque os vi a discutir por causa de um brinquedo que pertencia ao Francisco B. O Vasco N. S. queria brincar com o brinquedo de Francisco B., mas este dizia que ele tinha de pedir se faz favor e que havia tempo estipulado para brincar com o brinquedo.” Nota de Campo, 12 de Maio de 2014</p>
				<p>“ (...) ele foi a correr com o Vasco N. S. e diz “Pronto, já resolvi o nosso problema.</p>	

	<p>Relações entre os pares</p>	<p>de os resolver sozinhas, mas ocasionalmente ainda precisam de ajuda do adulto, essencialmente como mediador.”  “Brincadeiras de faz de conta, jogos, corridas, futebol, danças, etc.”  “Claro que sim. É até no recreio que se criam novas amizades entre meninos de salas diferentes. As diferentes brincadeiras espontâneas são potenciadoras de fomentar novas amizades e cimentar as já existentes. O recreio é parte integrante da escola, logo um espaço de socialização, aprendizagem e crescimento.”</p>	<p>não conseguem procurar a ajuda do educador para o fazer.”  “Gostam muito de fazer corridas, de jogar à bola, de brincar nos tapetes com os carrinhos e de brincar ao faz de conta.”  “O recreio é um ótimo espaço de socialização. As crianças procuram amigos de outras salas com quem gostam de brincar ou brincam com os amigos da sala com quem mais gostam de estar.”</p>	<p>ajuda do adulto para servir de auxílio na resolução.”  “Corridas, escondidas, futebol e variado tipo de jogos: o peixinho e a rede; mamã dá licença; aqui vai o lenço; à barra; etc. Gostam ainda de brincar nos tapetes e com as caixas de cartão (reciclagem).”  “Claro que sim.”</p>	<p><i>Podes brincar até as 10h55m e depois é a minha vez.”</i>  Nota de Campo, 12 de Maio de 2014  “Tomei especial atenção ao Francisco M. e ao Manuel, são duas das crianças que brincam sempre juntas, podem brincar também com outros, mas nunca brincam sozinhos. Mas neste dia, existiu um pequeno desentendimento entre os dois, havendo agressão física, foi então que intervim.”  Nota de Campo, 30 de Maio de 2014</p>
--	--------------------------------	---	---	--	---

Quadro nº 3 – Triangulação de dados

## 3.2 Interpretação de dados

A partir da análise do Quadro 3 verifica-se que a apresentação dos dados foi dividida em cinco categorias, provenientes dos blocos destinados para o guião de entrevista – (i) *conceito de recreio escolar*; (ii) *importância do recreio escolar para as crianças*; (iii) *papel do educador no recreio escolar*, (iv) *material existente no recreio escolar* e (v) *relação entre pares*.

A análise dos dados baseia-se, deste modo, nestas categorias:

### 3.2.1 O Conceito

As educadoras partilharam da mesma opinião sobre o conceito de recreio escolar no Jardim de Infância. Afirmaram que é um espaço ao ar livre e sobretudo de brincadeira livre, podendo haver ou não orientação por parte do educador. A **educadora de infância 1** referiu que o recreio escolar pode ser utilizado também para outras atividades como gincanas. A **educadora de infância 2** afirmou que no recreio as crianças têm oportunidade de brincar com os brinquedos que trazem de casa.

### 3.2.2 A Importância

A **educadora 1** referiu, que este espaço contribui para aperfeiçoar a organização da criança, em relação às diferentes brincadeiras, contribui também para a aprendizagem da resolução de conflitos. Refere também que, as crianças quando se encontram no recreio escolar, aprendem a partilhar com crianças da sua e de outras idades. Todas as educadoras entrevistadas, referiram que o recreio escolar é muito importante para o desenvolvimento da motricidade da criança, pois é um espaço mais espaçoso onde as crianças se podem movimentar com liberdade. Também referenciaram que o recreio escolar é promotor da socialização, pois as crianças brincam em grupo, começam a respeitar o outro e aprendem a partilhar.

### 3.2.3 O Papel do Educador

Todas as educadoras afirmaram, que quando existe alguma situação de conflito, optam por ficar a observar e a ver quais as iniciativas das crianças, mas claro, caso seja necessário intervir para a segurança das crianças qualquer uma o faz. Referiram também, que é necessária a presença assídua do educador no recreio escolar, pois o recreio escolar é um espaço onde existem aprendizagens e é uma forma das educadoras observarem as crianças. Para finalizar esta categoria as educadoras entrevistadas frisaram que utilizam o recreio para: a brincadeira livre; os jogos; contar histórias, promover a brincadeira do faz de conta; desenvolver atividades de expressão plástica e do conhecimento do mundo (plantas/natureza).

Como mencionou a **educadora 1** este espaço é utilizado para as crianças libertarem a sua energia, tal como afirma Cória-Sabini (2004, p. 27) “O aprendizado da brincadeira, pela criança, propicia a liberação de energia, a expansão da criatividade, fortalece a sociabilidade estimula a liberdade do desempenho.”

### 3.2.4 Material disponível no Recreio Escolar

As **educadoras 1 e 2** referiram que as crianças são capazes de modificar qualquer material que tiverem “à mão” e devido a isso, os materiais que se encontram no recreio escolar são suficientes para todas as crianças. Tanto a **educadora 1** como a **educadora 3** afirmaram que as crianças ao quererem brincar com o mesmo brinquedo, permite-lhes aprender a esperar pela sua vez, a saber partilhar e a saber negociar. A **educadora 3** afirmou que se o recreio escolar tiver muito material existem mais situações de conflito entre as crianças. Para complementar esta análise saliento na **nota de campo número 1** que observei duas crianças a discutir por causa dum brinquedo que uma delas tinha trazido de casa. Nesta situação as próprias crianças resolveram o conflito. A **educadora 1** salientou que, na sua sala, todas as crianças podem trazer brinquedos de casa para, posteriormente utilizarem no recreio escolar. Quando se perguntou: Como é que as crianças utilizam os materiais do recreio? As **educadoras 1 e 2** referiram que as crianças utilizam os brinquedos como sendo uma mais valia para as diferentes brincadeiras. A

**educadora 1** dá o exemplo das crianças utilizarem os cavalos de balancé como um muro. A **educadora 3** acredita que a imaginação das crianças é bastante elevada e que os materiais que se encontram no recreio vão ser fontes inesgotáveis de brincadeiras. Tal como Santin (1994) afirma, as crianças destas idades transformam tudo o que existe em brincadeira, até mesmo o material que não é apropriado para a brincadeira, isto porque, a criança no seu mundo associa algo a uma brincadeira. Mesmo aquelas crianças que não se encontram muito tempo no recreio, conseguem adequar o espaço ao tempo que têm.

As educadoras entrevistadas afirmaram também que apesar do material existente no recreio escolar desta instituição seja suficiente, gostariam que existissem mais alguns jogos de destreza motora, como escorregas, baloiços, entre outros.

### 3.2.5 Relações entre os pares

As educadoras relativamente à relação entre as crianças, asseguraram que grande parte das vezes, as crianças conseguem resolver os seus próprios conflitos, falando uns com outros, negociando e caso não o consigam fazer, recorrem a um adulto para pedir auxílio. A **nota de campo número 1** referencia uma situação de resolução de conflitos quando: Uma das crianças envolvidas num conflito, por causa de um brinquedo, decidiu estipular ao amigo um tempo determinado para brincar com o seu brinquedo. Outra situação que observei e que tive de intervir, foi quando duas crianças se encontravam a discutir, existindo mesmo agressão física, mas que no fim desta ocorrência conseguiram resolver o conflito sem qualquer ajuda do adulto. Machado (2002) afirma que a agressividade existente nas crianças é natural, contudo os comportamentos dos adultos que se encontram perto das crianças moderam ou intensificam essa agressividade, porque, a educação inadequada pode provocar o descontrolo da agressividade.

São diversas as brincadeiras que as crianças têm durante o tempo de recreio, as brincadeiras mais comuns, referidas pelas educadoras são: brincar ao faz de conta, jogos, corridas, futebol, danças, brincar nos tapetes com os

carrinhos e alguns jogos tradicionais, tais como o jogo da mamã dá licença, do lencinho, entre outros.

Para finalizar as entrevistas, decidi questionar as educadoras sobre as interações e relações estabelecidas entre as crianças quando se encontram no recreio escolar. As entrevistadas referiram que todas as crianças criam relações entre si e com crianças com outras idades, pois o recreio escolar é um espaço de socialização entre todas as crianças da instituição.

## Síntese

As educadoras de uma forma geral partilham da mesma opinião sobre o recreio escolar, ou seja, referem que é um espaço que deveria ser encarado como um meio de aprendizagem importante para o desenvolvimento das crianças. Afirmam também, que é um dos locais da escola, onde as crianças se sentem mais livres, por existir muita brincadeira livre entre as mesmas.

Segundo as educadoras entrevistadas, no recreio escolar as crianças desenvolvem bastante a área da motricidade, pois encontram-se constantemente a correr, a saltar, a andar, não param durante muito tempo no mesmo sítio.

O material existente no recreio escolar, não deve ser reduzido ou em excesso para não existirem mais conflitos entre as crianças. Contudo, existe uma controvérsia, pois com pouco material disponível no recreio escolar, as crianças irão aprender a partilhar os brinquedos e a aprender a esperar pela sua vez, mas se o material for em excesso as crianças ficarão mais dispersas e as brincadeiras em grupo poderão ser menos frequentes.

Nesta instituição, o recreio escolar é partilhado com o primeiro ciclo, por isso, a socialização entre as crianças dos 3 aos 9/10 anos é bastante comum. O que poderá proporcionar uma partilha de conhecimentos e de experiências. Em suma, para as educadoras entrevistadas o recreio escolar é um espaço pertinente para o desenvolvimento das crianças e um espaço com possibilidade de utilização para a concretização de diferentes atividades, como de plástica e de motricidade.

## Considerações Finais

---

Intitulado “O Recreio Escolar como local de interação entre crianças”, este trabalho procurou investigar de que modo as educadoras, pertencentes à instituição onde realizei o estágio, percebem o Recreio Escolar e as interações entre as crianças neste local. Ainda e para complementar as concepções das educadoras, recorreu-se à observação das crianças em situações de interação no espaço do recreio escolar.

Este trabalho seguiu os pressupostos do paradigma de interpretação qualitativa, cujo objeto de análise é considerado em termos do significado que os intervenientes/participantes atribuem à ação.

Partindo das análises desenvolvidas no enquadramento teórico, a investigação decorreu no sentido de dar resposta às questões e objetivos iniciais para daí ser possível retirar algumas conclusões e por conseguinte chegar às reflexões finais.

As brincadeiras ao longo dos anos têm sofrido alterações. A influência dos media na divulgação dos brinquedos leva a que as crianças tenham uma preferência por brinquedos muito sofisticados e que não ajudam no desenvolvimento da criatividade por serem demasiado “plásticos”. Apesar das brincadeiras, atualmente, serem diferentes, a preferência pelo espaço exterior, como parques infantis ou recreios, é evidente nos testemunhos das educadoras entrevistadas e nas observações efetuadas às crianças. Elas gostam de sentir-se livres e de correr, e o recreio é um espaço que fomenta as relações entre as crianças, a partilha de emoções e de experiências.

O facto de frequentar o Jardim-de-infância é uma mais-valia para a criança no sentido em que proporciona que desenvolva as suas competências sociais. Estes contextos, entre outros, promovem a partilha de experiências em grupo e ajudam a criança a aprender a viver em sociedade e a partilhar atividades com os outros.

O tempo que a criança passa no Jardim de infância por vezes é demasiado estruturado e organizado com atividades propostas e dinamizadas pelos adultos. No Jardim de infância, as atividades, cada vez mais, possuem um carácter educativo/instrutivo e a sua finalidade consiste essencialmente em

preparar as crianças para entrada na escola, o que implica um desvalorizar constante da atividade lúdica: o brincar.

A criança para brincar, necessita, para além de tempo, espaço e material, de companheiros, nomeadamente os amigos. Os adultos desempenham um papel fundamental no desenvolvimento do brincar por isso torna-se essencial que reconheçam nesta atividade lúdica todo o valor que lhe é inerente.

O estudo desenvolvido centrou-se no recreio escolar como um espaço ou local de interação entre crianças e no modo como é utilizado pelas crianças nos momentos de brincadeira. O brincar, deve ser uma das atividades mais importantes para a criança. Esta atividade promove a iniciativa, a socialização e a participação. Através da brincadeira, a criança irá aprender a estar na sociedade e interagir com os pares. (Vygotsky, 1994)

No recreio escolar, poderão existir momentos de aprendizagens planeadas ou não pelo educador, sendo este espaço considerado como uma extensão da sala. Os educadores deverão incentivar as crianças nas brincadeiras no recreio escolar, pois as aprendizagens não estão limitadas apenas dentro da sala. (Ribeiro, 1990)

O recreio escolar deve ser considerado como um espaço de aprendizagem, de brincadeira, de socialização e de resolução de conflitos. É um espaço onde as crianças ao socializarem vão construindo um novo EU.

O prazer que as crianças têm quando ser aproxima a hora do recreio, irá motivá-las a adquirir novos conhecimentos.

É necessário que a instituição tenha um espaço apropriado para ser considerado recreio escolar e que potencie o desenvolvimento das crianças.

Relativamente à questão investigativa “Que perceção têm os educadores sobre o Recreio Escolar?” consegui compreender que as educadoras utilizam este local também como um meio de aprendizagem, fazendo diversas atividades no mesmo. Pensam que este espaço é mais direcionado para a brincadeira livre, concordam que as crianças ao vivenciar estes momentos de recreio, despendem energias e desenvolvem aprendizagens diversificadas.

Os materiais disponíveis no recreio escolar desta instituição são suficientes, pois a imaginação das crianças irá fazer com que os materiais sirvam para diversas e variadas situações.

Durante a pesquisa realizada foi fácil de compreender que o educador tem um papel importante não só dentro da sala, como fora da sala, neste caso no recreio escolar. Este pode fazer atividades planeadas como não planeadas, deixando as crianças brincarem livremente podendo observar cada uma delas individualmente.

As crianças através das atividades de brincadeira no recreio escolar irão certamente adquirir diversas aprendizagens, pertinentes para o seu desenvolvimento. Deste modo, “O espaço exterior é um local que pode proporcionar momentos educativos intencionais, planeados pelo educador e pelas crianças.” (Ministério da Educação 1997 p.39)

É pertinente realçar que a presença assídua do educador no recreio escolar é importante, isto porque, apesar de muitas crianças destas idades já não necessitarem do adulto para resolver os seus conflitos, o educador deverá estar presente para algum caso especial, dando por exemplo orientação a algumas crianças. “Sendo um prolongamento do espaço interior, onde as mesmas situações de aprendizagem têm lugar ao “Ar livre”, permite uma diversificação de oportunidades educativas, pela utilização de um espaço com outras características e potencialidades.” (Ministério da Educação 1997 p.39)

Nas relações entre os pares, quando se encontram no recreio escolar, constatou-se que as relações entre as crianças são semelhantes de quando se encontram dentro da sala de aula, contudo grande parte das crianças, quando se encontra no recreio escolar, cria laços afetuosos com os seus amigos (podendo ou não ser do mesmo género), não só da sua sala, como das outras salas, podendo até socializar com crianças doutras faixas etárias. Esta socialização com crianças de outras idades irá ajudar as crianças a obter diferentes aprendizagens ao longo do processo de desenvolvimento, tais como: saberem partilhar brinquedos, saberem gerir o tempo (exemplo comum nesta escola, era a partilha do campo de futebol), entre outros. Como é referido por Hartup e Stevens (1997), as crianças nestas idades relacionam-se ou têm amizades consideradas como estáveis e constantes, criando uma motivação nas crianças que as ajudará no futuro noutras relações.

Na elaboração deste relatório final, as minhas grandes dificuldades foram principalmente na seleção da pesquisa recolhida, devido a parecer-me tudo muito importante o que me levou, às vezes, não conseguir distinguir o que era essencial do que não era.

Relativamente à recolha de dados, é importante realçar que inicialmente eram para ser realizadas entrevistas às educadoras, *in loco*, mas devido às férias de Verão e ao início do ano letivo ser bastante trabalhoso, acabei por fazer as entrevistas recorrendo ao correio eletrónico. As notas de campo foram recolhidas durante a prática de ensino supervisionada e fizeram referência a situações observadas no recreio escolar, sendo que estas contribuíram para complementar as conceções das educadoras entrevistadas.

Este trabalho fez-me pensar na minha futura ação pedagógica, pois as aprendizagens adquiridas pelas crianças não se devem apenas à sala de aula, mas também ao recreio, por isso penso que o recreio escolar deve ser encarado como um espaço de aprendizagem, tal e qual como a sala de aula, pois as crianças sentem-se livres e isso motiva-as a aprender. Por outro lado a gestão do tempo de atividades planeadas e atividades livres deve ser equilibrado. A criança necessita de tempo para a brincadeira livre, sobretudo no Jardim de Infância e por vezes o seu tempo está ocupado com atividades pedagógicas e é controlado e condicionado por decisões dos adultos, negando à criança o seu direito de participante ativo na gestão do seu tempo.

Neste contexto, convém salientar que é importante deixar as crianças crescer a seu próprio ritmo, pois só assim poderão descobrir o mundo através da ludicidade, sendo esta a forma mais bela de iniciarem a vida.

Em suma, para que o brincar seja efetivamente inserido nos processos educativos é necessária uma atitude favorável ao mesmo, bem como uma mudança no comportamento de cada interveniente no desenvolvimento da criança. Assim, o papel dos agentes educativos e da sociedade, de uma forma geral, deve centrar-se mais nas necessidades da criança e no seu bem-estar, em vez de no seu próprio proveito. Afinal, o brincar na infância é um assunto sério...

## Referências Bibliográficas

- Afonso, N. (2006). *“Investigação Naturalista em Educação. Um guia prático e crítico.”* Edições Asa;
- Aires, L. (2011) *“Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional.”* Universidade Aberta;
- Almeida, M. T. P. (2005). *“O Brincar na Educação Infantil.”* Revista Virtual EFArtigos.Natal/RN- volume 03- número 01;
- Amado, J. & Freire, I. (2009). *“A(s) indisciplina(s) na escola. Compreender para prevenir.”* Coimbra: Almedina;
- Associação dos Antigos Alunos Salesianos do Estoril. Centro D. Bosco. Instituição Particular de Solidariedade Social. *O papel do educador no pré-escolar.* [http://www.aaase.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=25&Itemid=32](http://www.aaase.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=25&Itemid=32) acedido a 24 de Agosto;
- Azevedo, C., Oliveira, L., Gonzalez, R. & Abdalla, M. (2013) *“A Estratégia de Triangulação: Objetivos, Possibilidades, Limitações e Proximidades com o Pragmatismo.”*;
- Azevedo, E.; Silva, A.; Lima, C.; Brito, T. (et. al.) (2010) Caracterização dos recursos dos recreio escolares <http://www.efdeportes.com/efd146/caracterizacao-dos-recursos-dos-recreios-escolares.htm> acedido a 30 de Agosto;
- Barros, L. (2003). *“O envolvimento da criança de 3 anos em grupos heterógeneos. Um estudo em contextos pedagógicos diferenciados.”* Universidade do Minho. Instituto de Estudos da Criança: Tese de Mestrado;
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *“Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos.”* Porto: Porto Editora;
- Bukowski, W.; Pizzomiglio, T.; Newcomb, A. & Hoza, B. (1996) *“Popularity as na Afoordance for Friendship: The Link Between Group and Dyadic Experience.”* p. 189 – 202;
- Campbell, S. B. (1991). *“Longitudinal studies of active and aggressive preschoolers: Individual differences in early behavior and in outcome.”* In D. Cicchetti & S. L. Toth, (Eds.), *Internalizing and externalizing expressions of dysfunction: Rochester symposium on development psychopathology* (Vol. 2, p. 57-89). Broadway: Lawrence Erlbaum Associates;

- Caplan, R.; Rubin, K.; Fox, N.; Calkins, S. & Stewart, S. (1994) “*Being Alone, Playing Alone and Acting Alone: Distinguishing among Retience and Passive and Active Solitude in Young Children.*” p. 137 – 139;
- Carmo, H. & Ferreira, M. (1998). “*Metodologia da Investigação. Guia para a Autoaprendizagem.*” Lisboa: Universidade Aberta;
- Carmo, H., & Ferreira, M. (2008). “*Metodologia de Investigação: Guia para auto- aprendizagem.*” Lisboa: Universidade Aberta;
- Cordazzo, S. T. D.; Vieira, M. L. (2007). “*A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento.*” Estudos e Pesquisas em Psicologia, v. 7, p. 89-101;
- Cória-Sabini, L. & Aparecida, M. (2004) “*Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil.*” Campinas: Papyrus;
- Colás Branco, P. (1992) “*La investigación en el campo*” Sevilla;
- Coutinho, C. P. (2011). “*Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática.*” Coimbra: Almedina;
- Cunha, N. & Silva, H. (1994). “*Brinquedoteca: um mergulho no brincar.*” São Paulo: Maltese;
- Decreto de Lei nº 119/2009 de 19 de Maio. *Diário da República nº96/2009 – I série.* Ministério da Economia e da Inovação. Lisboa;
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2005). “*Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática*”. Petrópolis: Vozes;
- Denzin N.; & Lincoln Y.(2000). “*Handbook of Qualitative Research.*” London: Sage Publication Inc.;
- Erikson, M, J. (1998). “*O Ciclo de Vida Completo – Erik H. Erikson.*” Versão ampliada com novos capítulos sobre o nono estágio de desenvolvimento. Porto Alegre: Artmed;
- Esteves, M. (2006). “*Análise de conteúdo.*” In J. A. Lima, & J. A. Pacheco (Eds.), *Fazer investigação: Contributos para a elaboração de dissertações e teses* (pp. 105-126). Porto: Porto Editora;
- Fedrizzi, B. (2002) “*A organização espacial em pátios escolares grandes e pequenos.*” (p. 221 – 229) Rio de Janeiro;
- Figueira, J. Jogos Tradicionais. História.<http://ojogotradicional.weebly.com/histoacuteria.html> acessado a 3 de Setembro;

- Freire, M, (2007), *“Educador”*, Paz e Terra;
- Friendmann, A. (1994) *“O direito de brincar: a brinquedoteca.”*;
- Garcia, A. (2005) *“Psicologia da amizade na infância: Uma revisão crítica da literatura recente.”* *Interação em Psicologia*, 9(2), p. 285-294;
- Garvey, C. (1992). *“Brincar.”* Lisboa. Edições Salamandra;
- Graue, M. & Walsh, D. (2003). *“Investigação etnográfica com crianças.”* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;
- Grossi, P. K., & Santos, A. A. M. (2009). *“Desvendando o fenómeno do bullying nas escolas públicas de Porto Alegre.”* Brasil. *Revista Portuguesa de Educação*, 2, p. 249-267;
- Hartup, W. & Stevens, N. (1997) *“Friendship and Adaptation in the life course.”* p. 335 – 370;
- Hinde, R.; Tamplin, A. & Barrett, J. (1993) *“Social Isolation in 4-years-olds”* p. 211 – 236;
- Howes, C. (1988) *“Relations between Early Child care and Schooling.”* p. 53 – 57;
- Howes, C. (1996) *“The Stability of Early Friendships”* Monographs of the Society for Research in Child Development.;
- Hohmann, M. & Weikart, D. (2004). *“Educar a criança.”* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;
- Hohmann, M., & Weikart, D. P. (2009). *“Educar a criança.”* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;
- Katz, L. & Chard, S. (2009). *“A abordagem de projeto na educação de infância.”* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;
- Lopes, L. C. O. (2006). *“Atividade Física, recreio escolar e Desenvolvimento Motor – Estudos Exploratórios em Crianças do 1º ciclo do ensino básico.”* Braga. Dissertação de Mestrado em Estudos da Criança, na área de especialização em Educação Física e Lazer no IEC da Universidade do Minho, p.94;
- Machado, P. B. (2002) *“Comportamento Infantil: estabelecendo limites.”* Porto Alegre: Mediação;
- Marques, A. R. (2001). *“A intervenção no recreio e a prevenção de comportamentos anti-sociais.”* In Pereira, B. e Pinto, A. P. (coord.). *A Escola e a Criança em Risco: Intervir para prevenir.* Porto: Asa Edições, p.183-196;

- Maximo-Esteves, L. (2008). *“Visão Panorâmica da Investigação-Acção.”* Porto: Porto Editora;
- Meirinho, S. (2012). *“Práticas educativas num jardim-de-infância para a aprendizagem das ciências – escutar educadoras e escutar crianças.”* Lisboa: Instituto da Educação;
- Ministério da Educação (1997) *Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar;*
- Mota, J. & Rodrigues, S. (1999). *“Jogo e Espaços Lúdicos Infantis.”* Cadernos Desportivos. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras/Divisão de Fomento do Desporto;
- NAEYC (1998). *The value of school recess and outdoor play.*, de <http://www.kidsource.com/kidsource/content4/school.recess.html> acedido em 12 de Setembro de 2014;
- Oliveira-Formosinho, J. (2001). *“A profissionalidade específica da educação de infância e os estilos de interação adulto/criança.”* In J. Oliveira-Formosinho e J. Formosinho, *Associação Criança: Um contexto de formação em contexto.* (p. 80-103). Braga: Livraria Minho;
- Oliveira-Formosinho, J. (2007). *“Pedagogias(s) da Infância: Reconstruindo uma Práxis de Participação.”* In J. Oliveira-Formosinho (org.) *Modelos Curriculares para a Educação de Infância – Construindo uma práxis de participação.* Porto Alegre: Artmed, p. 14-42;
- Oliveira, L.; Pereira, A. & Santiago, R. (2004). *“Investigação em educação: abordagens conceituais e práticas.”* Porto: Porto Editora;
- Peltó & Peltó (1987) *“Anthropological research.”* Cambridge University Press, p. 70 e 71;
- Pereira, B. O. P. (2008). *“Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças.”* 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas;
- Pinto, A. (2006). *“O envolvimento da criança em contexto de creche.”* Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação do Porto: Tese de Doutoramento;

- Pires, M. F. A. (2001). *“Práticas de agressividade/violência/vitimação no espaço escolar.”* In Pereira, B. e Pinto, A. P. (coord.). *A Escola e a Criança em Risco: Intervir para prevenir.* Porto: Asa Edições, p. 203-224;
- Portugal, G. (2009). *“Para o educador que queremos, que formação assegurar?”* *Exedra*, 1, p. 9-24;
- Projeto Educativo de Escola (2013);
- Ramstetter, C.L., Murray, R., & Garner, A.S. (2010). *“The crucial role of recess in Schools. Journal of School Health.”* p. 517–526;
- Recreio Berçário e Educação Infantil S/C Ltda (2013). *O papel do educador.* <http://www.escolarecreio.com.br/nosso-jeito-de-ser/proposta-pedagogica/o-papel-do-educador>\_acedido a 2 de Agosto;
- Recreio Infantil e Fundamental. Ensinando a Aprender. *O papel do educador.* <http://www.recreio.etc.br/a-escola> \_acedido a 15 de Agosto;
- Reis, P. (2013) *“Brincar a sério”* Escola Superior de Educação João de Deus;
- Ribeiro, A. (1990) *“Desenvolvimento Curricular”* Lisboa, Coleção Educação Hoje;
- Rubin, K. H., Bukowski, W., & Parker, J. G. (1998). *“Interactions, relationships, and groups.”* In W. Damon (Ed. In chief) & N. Eisenberg, (Vol. Ed.), *Handbook of Child Psychology: Vol 3. Social, Emotional and Personality Development* (5th ed., pp. 619-700). New York: John Wiley and Sons;
- Robles, H. S. M. (2007). *A Brincadeira Na Educação Infantil: Conceito, Perspectiva Histórica e Possibilidades que Ela Oferece.* Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=943>. Acedido a 12 Setembro de 2014;
- Sá, E. (2006) *“Crianças para Sempre.”* Alfragide, Portugal;
- Santos, L. (1999). *“Os tempos lúdicos”.* *Cadernos de Educação de Infância*, 49, p. 13-15. Lisboa: Associação de Profissionais de Educação de Infância;
- Salvador, J. *Jogos tradicionais e Populares.* <http://joaosalvador.com.sapo.pt/documentosdeapoio/jogostradicionais.pdf>\_acedido a 13 de Setembro;
- Schaffer, H. R.(2004). *“Desenvolvimento social da criança.”* Lisboa: Instituto Piaget, 1996;
- Silva, F. (2008). *“Autonomia comportamental das crianças antes de ingressarem na escola primária: comportamentos de autonomia e perturbação*

*emocional e comportamental.*” Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Lisboa: Universidade de Lisboa;

- Silva, M. (2010). *“Brincar aos escritores ou aos “rimadores”*. Cadernos de Educação de Infância, 90, 11;
- Silva, R., Veríssimo, M. & Santos, A. (2004). *“Adaptação psicossocial da criança ao pré-escolar.” Análise Psicológica*, 1 (XXII): p. 109-118;
- Singer, D. G., & Singer, J. L. (1990). *“The house of make-believe: Play and the developing imagination.”* Cambridge, MA: Harvard University Press;
- Smith, P. K., Cowie, H., & Blades, M. (1998). *“Understanding children’s development.”* (3rd ed.). Massachusetts: Blackwell Publishers;
- Staub, D. (1998). *“Delicate Threads: Friendship between children with and without special needs in inclusive settings.”* Wadsworth: Woodbine House;
- Vasconcelos, T. (coord.) (2012). *“Trabalhos por projeto na educação de infância. Mapear aprendizagens. Integrar metodologias.”* Lisboa. Ministério da Educação e Ciência. Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular;
- Velez, M. F. (2010). *“Indisciplina e Violência na Escola: Factores de Risco - Um estudo com alunos do 8º e 10º Anos de Escolaridade.”* Universidade de Lisboa. Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa;
- Vygotsky, L.S. (1999). *“A formação social da mente.”* São Paulo: Martins Fontes;
- Tessaro, J. P., & Jordão, A. P. M. (2007). *Discussão a importância dos jogos e actividades em sala de aula*. Consultado em 5 Setembro, 2014, de <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/Ao356.pdf>;
- Zabalza, M. (1987). *“Didáctica da educação infantil.”* Rio Tinto: Edições Asa.

# Anexos

## Anexo 1

### Carta de Autorização à Instituição

Exmo. (a) Sr.(a) Diretor(a) da Escola Santa Teresa do Menino Jesus,

Eu, Telma Alexandra Araújo Delgado, estudante número 2829 do Mestrado em Educação Pré-Escolar, da Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, encontro-me a realizar o trabalho final de mestrado com o tema principal o “O Recreio escolar como local de interação entre crianças.”

Para a realização deste estudo, necessito de realizar questionários para obter os resultados pretendidos e necessitarei também de observar as crianças com cinco e seis anos durante a sua estadia no recreio.

Com isto, venho por este meio solicitar a possibilidade de realizar tudo o que referi anteriormente para a realização do meu estudo. Todos os questionários serão anónimos e de extrema confidencialidade. Os dados recolhidos serão unicamente utilizados para a realização do meu trabalho final.

Sem outro assunto e com os melhores cumprimentos.

Lisboa, Outubro de 2014

Telma Delgado

## Anexo 2

### NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

1

**Data:** 12/5/2014

**Hora:** 10h30m

**Local:** Espaço exterior (recreio)

**Intervenientes:** Francisco B.; Vasco N. S.

**Sexo:** Masculino

**Idade:** cinco e seis anos

Descrição	Inferência
<p>Na parte da manhã, a educadora de infância teve de se ausentar da sala por tempo indeterminado, ficando eu responsável pelas crianças na sala. O tempo lá fora estava bom, tomei a iniciativa de ir um pouco para o recreio para que as crianças tomassem um pouco de ar. Não preparei nada para a altura, por isso as crianças brincaram livremente, para de certa forma observar os movimentos de cada uma delas.</p>	<p>Todas as crianças brincavam livremente e eu sempre a observar todas as crianças de forma individualizada. Foi então que reparei em duas crianças em particular, o Francisco B. e o Vasco N. S., isto porque os vi a discutir por causa de um brinquedo que pertencia ao Francisco B. Fui-me aproximando, sem que estes se apercebessem. Consegui perceber o que passava. O Vasco N. S. queria brincar com o brinquedo de Francisco B., mas este dizia que ele tinha de pedir se faz favor e que havia tempo estipulado para brincar com o brinquedo. O Francisco B. dirigiu-se a mim a perguntar que horas eram e eu disse “São 10h45m” e ele perguntou “Essas horas mais 10 minutos, ficam quantas horas?” e eu respondi “Ficam 10h55m.” e ele foi a correr ter com o Vasco N. S. e diz “Pronto, já resolvi o nosso problema. Podes brincar até as 10h55m e depois é a minha vez.” Assim foi, o Vasco N. S. brincou até quando voltamos para dentro da sala, passando o tempo que foi estipulado pelo Francisco B.</p>

### Anexo 3

#### NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

2

**Data:** 14/5/2014

**Hora:** 11h45m

**Local:** Espaço exterior (recreio)

**Intervenientes:** Leonardo

**Sexo:** Masculino

**Idade:** seis anos

Descrição	Inferência
<p>Na parte da manhã, mais propriamente, antes das crianças irem almoçar, existia o momento de as crianças irem ao recreio. Quando me encontrava a brincar com um grupo pequeno de crianças, reparei que o Leonardo se encontrava muito isolado.</p>	<p>As crianças da sala número três encontravam-se todas a brincar em grande e em pequeno grupo. Eu mesma brincava com um pequeno grupo, pois me tinham chamado para dar à corda, foi então que reparei que o Leonardo se encontrava sozinho, sem querer brincar com ninguém, foi então que decidi aproximar-me dele. Perguntei o porquê de ele estar ali sozinho e respondeu-me “Não gosto das brincadeiras dos outros!” e eu perguntei se podia brincar com ele e ele limitou-se a encolher os ombros. Demorei um pouco a perceber o que este brincava, foi então que perguntei o que podia fazer e ele respondeu muito sério “Podes apanhar paus assim deste género, para podermos construir um foguetão e irmos à lua os dois. Mas a mamã também vai connosco.” E eu fui buscar os tais paus que este falava. Encontrei uma mão cheia deles, mas quando cheguei ao pé dele com os paus, ele disse-me “Telma, vai esconder os paus naquele buraco.” E eu perguntei porquê e ele disse “Sabes, é que os outros como não gostam de fazer foguetões, vão roubar os paus para eu não construir.” E disse-lhe que não era preciso esconder porque eu estava ali e não deixava ninguém roubar e para finalizar a conversa ele disse-me</p>

	<p>“Obrigado” com uma cara bastante feliz. Foi então que chamaram para ir almoçar.</p> <p>Mais tarde, fui falar com a educadora de infância da sala e contei-lhe a história que se tinha passado entre nós e ela afirmou que o Leonardo é uma criança que gosta muito de estar no seu canto, a fazer as suas coisas, pois as brincadeiras que os outros fazem, não é do seu interesse. Esta disse, que mesmo assim já se encontra melhor que no início do ano, pois não olhava para nenhuma das crianças da sua sala.</p>
--	---

## Anexo 4

### NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

3

**Data:** 19/5/2014

**Hora:** 13h30m

**Local:** Espaço exterior (recreio)

**Intervenientes:** Teresa; Julieta; Leonor; Francisca; Maria

**Sexo:** Feminino

**Idade:** cinco e seis anos

Descrição	Inferência
<p>Era hora de recreio, logo depois do almoço e estavam todas as crianças da escola no espaço exterior. Brincavam, pulavam, jogavam futebol, faziam corridas, entre outros. Mas havia cinco meninas que se destacavam, pois sozinhas fizeram um circuito de jogos tradicionais.</p>	<p>Dirigi-me para junto das cinco meninas, para ver quais os jogos que estavam a fazer.</p> <p>A Teresa estava responsável pelo jogo de saltar à corda, um jogo simples mas muito criativo, pois a corda que elas utilizavam, era a união de todas as pulseiras de elásticos que a Teresa e a Julieta tinham feito em conjunto ao longo de algumas semanas.</p> <p>A Leonor ficou responsável pelo jogo da macaca que se encontrava desenhado no chão do espaço exterior. As outras meninas já conheciam o jogo, mas não jogavam da mesma maneira que a Leonor, então esta disponibilizou-se para ensinar a maneira que a sua mãe a tinha ensinado e todas fizeram igual à Leonor.</p> <p>A Francisca, que se tinha magoado na mão no dia anterior em casa e que tinha um lenço ao pescoço, aproveitou e deu a ideia de jogarem ao jogo do lencinho. Todas sentaram-se no chão e a Francisca era a menina do lencinho.</p> <p>As restantes meninas não conseguiram apresentar as suas ideias de jogo porque estava na hora de ir para Música.</p>

## Anexo 5

### NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

4

**Data:** 23/5/2014

**Hora:** 11h00m

**Local:** Espaço exterior (recreio)

**Intervenientes:** Francisco B.

**Sexo:** Masculino

**Idade:** cinco anos

Descrição	Inferência
<p>Eram 11 horas da manhã, depois de uma manhã um pouco atarefada, com a psicóloga na sala para a preparação para o 1º ciclo e antes que a professora de inglês viesse, fomos um pouco ao recreio, libertar as energias. Encontrei o Francisco B. num canto a chorar e eu fui ter com ele para ver realmente o que se passava e para tentar resolver o problema que existia.</p>	<p>Fui falar com o Francisco B. para saber o que realmente se passava e podia ajudar. Esta era uma criança que gostava de brincar em grande ou em pequeno grupo ou até mesmo sozinho.</p> <p>Perguntei o que se passava e ele dizia que não queria falar, continuava a chorar e disse para parar de chorar, foi então que me sentei no chão ao pé dele. Entretanto parou de chorar e eu perguntei se estava mais calmo e se me podia contar o que se passava, foi então que ele contou “Eles estão sempre a brincar à apanhada e como eu quero também brincar, fico sempre eu a apanhar e eu não gosto.” Foi então que lhe dei uma ideia, se podíamos ser os dois a apanhar e os outros a fugirem de nós. Ele abriu os olhos para mim, sorriu e disse “Queres ser a apanhar comigo? Assim fica mais fácil.” Ele gostou da ideia e eu chamei os que se encontravam a brincar à apanhada para contar a novidade, que tanto eu como o Francisco B. eramos a apanhar. As outras crianças começaram a rir, não</p>

	<p>fizeram a contagem e começaram a fugir.</p> <p>Para concluir, todas as crianças ficaram contentes a brincar, incluindo o Francisco B.</p>
--	--

## Anexo 6

### NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

5

**Data:** 30/5/2014

**Hora:** 9h45m

**Local:** Espaço exterior (recreio)

**Intervenientes:** Francisco M. e Manuel

**Sexo:** Masculino

**Idade:** seis anos

Descrição	Inferência
<p>Antes de irmos para o inglês, a educadora de infância decidiu que as crianças poderiam brincar um pouco no recreio.</p> <p>Tomei especial atenção ao Francisco M. e ao Manuel, são duas das crianças que brincam sempre juntas, podem brincar também com outros, mas nunca brincam sozinhos.</p> <p>Mas neste dia, existiu um pequeno desentendimento entre os dois, havendo agressão física, foi então que intervim.</p>	<p>O Francisco M. e o Manuel são duas crianças que dizem ser as melhores amigas e são inseparáveis. Mas este era um dia não para os dois.</p> <p>Começaram a discutir muito alto um com o outro e um pouco de lado a observar, mas entretanto existiu mais que uma discussão, existiu mesmo agressão física e o Manuel começou a chorar, intervim de imediato.</p> <p>Separei os dois, vi se alguém se tinha magoado a sério fisicamente, mas foi então que percebi que o Manuel não estava a chorar porque se tinha magoado, mas sim por tristeza.</p> <p>Perguntei o que se tinha realmente passado e o Manuel disse “O Francisco diz que não quer brincar comigo, porque eu desta vez quero ser o Ben Ten. Não pode ser sempre ele!” e eu perguntei ao Francisco M. se era isto que se tinha passado e ele respondeu com a cabeça que sim.</p> <p>Foi então que eu disse que não valia a pena discutirem sobre isso, que eram os melhores amigos e que eles haveriam de encontrar uma solução para a brincadeira. O Francisco M.</p>

	<p>disse logo “Pronto, está bem Manel. Hoje és o Ben Ten e eu sou o monstro verde e tu tens que me matar, mas devagarinho.” O Manuel sorriu e começou a correr no recreio a mandar foguetes para o monstro.</p>
--	---

## Anexo 7

### NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

6

**Data:** 2/6/2014

**Hora:** 16h30m

**Local:** Espaço exterior (recreio)

**Intervenientes:** Vasco C. ; João S. P.; João S.

**Sexo:** Masculino

**Idade:** cinco e seis anos

Descrição	Inferência
<p>Este foi um dia de aprender algumas coisas sobre o nosso país vizinho, Espanha. Com isto, eu e a minha colega de estágio decidimos fazer em conjunto uma pequena dramatização sobre algo muito tradicional em Espanha, as touradas.</p> <p>Fizemos a nossa pequena demonstração e eles tiveram que fazer em desenho aquilo que tínhamos feito e o resultado foi bastante positivo, mas o que me mais me chamou a atenção foi quando fomos para o recreio logo depois do lanche, isto porque, um pequeno grupo de crianças decidiu fazer, à sua maneira, a demonstração de touradas, mas mais tradicionais portuguesas.</p>	<p>Neste contexto, consegui verificar o quão importante foi a atividade realizada anteriormente, mas também como estes conseguem ter implementadas algumas regras dadas pelo adulto de referência, neste caso específico, dadas por mim e pela educadora cooperante.</p> <p>A brincadeira que estas crianças fizeram, levou a que outras crianças que se encontravam no recreio, se envolvessem com gosto nesta brincadeira.</p>

#### **Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)**

Quando preparamos uma atividade para realizar com as crianças, é pertinente realçar aspetos que despertem o seu interesse em aprender, seja qual for o tema em causa.

Neste caso em particular, demos destaque a uma curiosidade do nosso país vizinho, as touradas, apesar de existir touradas também no nosso país. Fizemos com que a sala fosse um ringue, um espaço aberto no meio e as cadeiras à volta, onde as crianças se pudessem sentar. As educadoras tomaram a iniciativa de começar a pequena dramatização, enquanto eu (toureira) e o touro (colega de estágio) no preparávamos. É bastante comum em Espanha, os toureiros terem um bigode grande e enrolado na ponta, por

isso desenhamos um bigode semelhante no toureiro.

Falamos com eles sempre em espanhol, despertando o seu interesse em aprender algumas palavras em espanhol. Dizíamos as palavras ao seu ouvido e eles teriam de dizer em voz alta.

Foi uma atividade em que aprenderam não só a “falar” espanhol, mas também algumas tradições e/ou costumes de um novo país. O interesse que tiveram pela atividade foi positivo, pois demonstraram a necessidade de partilhar com os outros, aquilo que tinham aprendido de novo.

Para finalizar, é bastante pertinente despertar o interesse das crianças com as atividades que são realizadas, para que fique para sempre na sua memória e que ache da sua parte uma partilha de aprendizagens entre todas as crianças.

## Anexo 8

### NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

7

**Data:** 3/6/2014

**Hora:** 13h30m

**Local:** Espaço exterior (recreio)

**Intervenientes:** Maria; Leonor e Francisca

**Sexo:** Feminino

**Idade:** cinco e seis anos

Descrição	Inferência
<p>Depois do almoço, encontrávamo-nos no recreio de baixo com as professoras de 1º ciclo e as crianças de toda a escola.</p> <p>Estava eu no meu canto, a observar as crianças de forma individualizada quando uma criança me tapa os olhos e pergunta se posso ir com ela a um sítio e eu respondi que sim.</p> <p>Foi então que me levou para ao pé da porta da casa de banho e disse que ela e a Maria tinham uma coisa para me mostrar, mas que só eu é que podia ver.</p>	<p>Estava sentada no chão à espera que estas duas meninas me mostrassem o que só eu podia ver.</p> <p>Começou a Maria a dizer “Olá Telma. Hoje vamos apresentar-te um teatro novo, chamado Violeta.” e eu presumi logo que fossem elas a cantar as músicas da famosa Violeta, entretanto chamaram mais meninas e quando dei por mim, já tinha quase a escola toda sentada à minha volta para ver o que estas meninas tinham para fazer. A Sofia (menina da sala dois) começou a fingir que cobrava bilhetes às pessoas que se encontravam sentadas.</p> <p>Começou o espetáculo, começaram a cantar e a cantar, a plateia sempre a bater palmas.</p> <p>O espetáculo não chegou ao fim, porque as educadoras chamaram para irem para dentro da sala. Mas estava marcado para o final da tarde o fim do espetáculo.</p>

#### **Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)**

Estas três crianças, eram aquelas que nunca se encontravam sozinhas. Durante o recreio, estavam sempre a brincar com alguém, fosse em grande ou pequeno grupo. Eram bastante sociais, mas contudo dependiam bastante do

adulto, pois se algo não corresse como elas gostariam, iriam logo ter com o adulto que tinham mais confiança e faziam as queixinhas todas.

A Leonor, a Maria e a Francisca eram as meninas que no final de todas as tardes, gostavam de estar sempre comigo, pois sabiam que, por norma, eu iria sempre embora primeiro que elas. Brincávamos a tudo o que podia existir, até mesmo cantar Violeta.

## Anexo 9

### NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

8

**Data:** 9/6/2014

**Hora:** 16h00m

**Local:** Espaço exterior (recreio)

**Intervenientes:** Isabel; Francisco M.; Leonardo; Duarte

**Sexo:** Feminino e Masculino

**Idade:** cinco e seis anos

Descrição	Inferência
Ao longo deste dia, foram realizados pela escola toda, ensaios para a festa de final de ano. As crianças encontravam-se exaustas de estarem sempre em silêncio e sem puderem brincar um pouco que fosse, por isso e para descontrair um pouco a seguir ao lanche, decidi fazer um pequeno jogo com algumas das crianças que já estavam “sem forças” para brincarem ao final do dia com os seus colegas.	O jogo que fiz com estas crianças, foi o conhecido jogo da “Mãe dá licença ou Papá dá licença”, pois é um jogo que todas as crianças, de forma geral, gostam de jogar. Inicialmente, mostrei alguns exemplos de passos e recordei como se jogava. Tirámos à sorte quem seria a mãe ou o papá, neste caso calhou ao Leonardo, logo foi um papá. Demos uns passos largos para trás e colocamo-nos lado a lado (sendo eu a última a jogar). O resultado final foi bastante positivo pois todas as crianças da sala e até mesmo do primeiro ciclo, entraram na brincadeira.

#### **Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)**

A partir desta pequena observação, consegui perceber a importância do jogo para o desenvolvimento da criança. A partir de dois grandes autores consegui assimilar aquilo que observei (prática) com a parte teórica.

Jean Piaget deu grande valor ao lúdico para o desenvolvimento infantil. Segundo o autor, não é dispensável da prática pedagógica dos educadores o jogo, pois este é pertinente para o desenvolvimento individual de cada criança, isto porque, a partir do jogo (atividade lúdica) é o início para desenvolver atividades intelectuais.

Para Jean Piaget, as atividades lúdicas estão interligadas com o desenvolvimento da inteligência, estando relacionadas com os estágios de desenvolvimento cognitivo. O sensório-motor (desde que nasce até aos dois anos) neste estágio a criança só brinca sozinha e não tem qualquer tipo de regras, pois não tem noções nenhuma sobre as regras.

O estágio pré-operatório (dos dois até aos sete anos) é quando surge o jogo simbólico e com o passar do tempo começa a existir algumas noções sobre as regras.

Por fim, o estágio das operações concretas (desde os sete até aos onze anos) a criança já se encontra com as regras todas definidas e quando existe qualquer tipo de jogo, a regra é essencial.

Vygotsky ao longo das suas análises sobre o jogo, considerou que este tinha uma ligação com a aprendizagem, isto porque, o jogo ajuda para o desenvolvimento moral, social e intelectual da criança.

Segundo o autor, o jogo só começa a surgir por volta dos três anos, isto é, antes dos três anos a criança não consegue assimilar símbolos que irá ajudar a representar o real através do imaginário. Com isto, Vygotsky afirmava que no mundo do imaginário ou ilusório é que aparecia o jogo, isto porque, a criança como é um ser ativo, é ela que constrói e cria a partir das suas interações sociais, logo, está a encaminhar a uma aprendizagem, pois está a contribuir para o desenvolvimento da criança.

Para o autor, o jogo exhibe três características essenciais: a imaginação, a imitação e as regras. Estas características vão fazer com que o jogo seja uma atividade pertinente para a criança, pois não é uma ação espontânea desta, mas é a habilidade que esta tem de imaginar algumas situações, imitar papéis e assimilar todas as regras que estão dentro de todos os jogos/ atividades.

Para concluir e a partir destes grandes autores, o jogo é uma mais valia para realizar com as crianças, pois transmitem aprendizagens e irá ajudar para o desenvolvimento individual de cada uma.

## Anexo 10

### NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

9

**Data:** 11/6/2014

**Hora:** 16h00m

**Local:** Espaço exterior (recreio)

**Intervenientes:** Francisco B.; Afonso; Diogo; Manuel; M<sup>a</sup> do Carmo; Sofia; Francisco M.

**Sexo:** Feminino e Masculino

**Idade:** cinco e seis anos

Descrição	Inferência
<p>No meio da semana, na quarta-feira, pudemos estar em contacto com um livro de animais com imagens reais. Isto aconteceu um pouco por acaso, porque estávamos no espaço exterior e o Francisco B. trouxe um livro de casa com animais, pois esta é uma criança que se interessa bastante por este tema.</p> <p>Quando comecei a mostrar o livro a algumas das crianças que se encontravam a brincar livremente no recreio, vieram ter logo comigo para ouvir aquilo que dizia. O primeiro animal que apareceu foi o cão e li o que estava escrito debaixo da figura. De seguida perguntei “Que som faz o cão?” e alguns deles começaram a imitar o som deste animal da forma que conseguiam.</p> <p>Depois do cão, do gato, da vaca, da ovelha, porco e até vieram alguns animais que eu própria não sabia qual a sua origem ou até o som que estes faziam.</p>	<p>Nesta pequena atividade pude observar que a maioria das crianças já imita na perfeição alguns sons dos animais, existiam animais que eu não sabia que som faziam, mas o Francisco B. ensinou tanto a mim como às restantes crianças.</p> <p>Mas quando se depararam com um som de um animal que não conheciam, recorreram a uma criança que conhece tudo sobre os animais e que se interessa bastante neste tema, para adquirirem uma melhor aprendizagem. Aqui podemos encontrar o procedimento de imitação e de eco.</p>
<p><b>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</b></p> <p>É de grande importância o livro que damos para as mãos das crianças, neste caso o livro sobre animais é de preferência que tenham imagens reais para as crianças puderem associar as imagens do livro com aquilo que encontram</p>	

durante o seu quotidiano.

As reações das crianças foram bastante positivas, porque entenderam tudo aquilo que lhe propunha à medida que desfolhava o livro. Conseguiram imitar o som de diversos animais sem qualquer ajuda, pois eram aqueles que estavam em contacto constantemente.

Foi bastante interessante de ver, as crianças mais velhas a ajudar as crianças que não conseguiam, isto é, olhavam para elas e mexiam a boca, aqui podemos observar um ponto de interajuda em relação aos outros.

## Anexo 11

Boa tarde educadoras Noémia, Isabel e Dulce da Escola de Santa Teresa do Menino Jesus. Como sabem, estou a terminar o Mestrado em Educação Pré-escolar e para isso, venho por este meio pedir a vossa colaboração para a realização do meu relatório final de curso. O meu tema é sobre “*A importância do Recreio Escolar no desenvolvimento da criança*” e com isto faço aqui umas pequenas perguntas sobre esta temática. Peço que me ajudem e que colaborem com a vossa prática pedagógica.

Obrigada e cumprimentos,  
Telma Delgado

### Questionário

Categoria	Subcategoria	Questões
Recreio escolar no Jardim de Infância	<ul style="list-style-type: none"><li>• Conceito</li></ul>	1. Para si, qual o conceito de recreio?
	<ul style="list-style-type: none"><li>• Importância</li></ul>	2. Qual o contributo do recreio para o desenvolvimento das crianças? 3. As crianças durante a sua permanência no recreio que tipos de aprendizagens adquirem?
	<ul style="list-style-type: none"><li>• Papel do Educador</li></ul>	4. Qual o seu comportamento face a algumas situações de conflito que ocorrem entre as crianças? 5. A presença assídua do educador nas brincadeiras das crianças durante o recreio é

Espaço exterior no Jardim de Infância		<p>pertinente? Porquê?</p> <p>6. Como educador, que utilização dá do recreio?</p>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Material disponível no espaço exterior</li> </ul>	<p>7. O material existente no recreio é suficiente para as crianças?</p> <p>8. Para além do material existente no recreio pensa que deveria existir mais para usufruído das crianças?</p> <p>9. Como é que as crianças encaram os materiais disponíveis no recreio?</p>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relações entre as crianças</li> </ul>	<p>10. Como é que as crianças resolvem os seus próprios conflitos?</p> <p>11. Quais as principais brincadeiras que as crianças fazem durante o tempo em que estão no recreio?</p> <p>12. Para finalizar, as crianças durante a permanência no recreio criam relações afetivas entre si?</p>

## Anexo 12

### (Respostas da Educadora 1)

#### Questionário

Bom tarde educadoras Noémi, Isabel e Dulce da Escola de Santa Teresa do Menino Jesus. Como sabem, estou a terminar o Mestrado em Educação Pré-escolar e para isso, venho por este meio pedir a vossa colaboração para a realização do meu relatório final de curso. O meu tema é sobre "A importância do Recreio Escolar no desenvolvimento da criança." e com isto faço aqui umas pequenas perguntas sobre esta temática. Poço que me ajudem e que colaborem com a vossa prática pedagógica.

Obrigada e cumprimentos,

Telma Delgado

1. Para si, qual o conceito de recreio?

ESPAÇO PREFERENCIALMENTE AO AR LÍBRE, DE BINA-CABEÇA NÃO ORIENTADA, COM RECURSOS PARA EX-PLORAR E COM A POSSIBILIDADE DE INTERAGIR COM OS RESTANTES ALUNOS DE OUTRAS SALAS E DIFERENTES IDADES. TAMBÉM PODE SER USADO PARA ATIVIDADES COMO GINÁSIAS, ESTAFETAS, JARDINAGEM

2. Qual o contributo do recreio para o desenvolvimento das crianças?

O RECREIO CONTRIBUI, APAR COM OUTRAS SITUAÇÕES, PARA UMA MAIOR E MELHOR SOCIALIZAÇÃO PARA ME-LHORAR A CAPACIDADE DAS CRIANÇAS SE ORGANIZAREM EM DIFERENTES BRINCADEIRAS E PARA APRENDEREM A RE-SOLVER CONFLITOS FORA DO CONTEXTO DE SALA DE AULA.

3. As crianças durante à sua permanência no recreio que tipos de aprendizagens adquirem?

APRENDEN A LIDAR COM E A RESPEITAR CRIANÇAS DE OUTRAS IDADES. APRENDEN A GERIR CONFLITOS, A-PRENDEN A PARTILHAR BRINQUEDOS E TÊM A POSSÍBI-LIDADE DE FAZER OUTRAS BRINCADEIRAS E JOGOS PRÓPRIOS DE RECREIO.

4. Qual o seu comportamento face à algumas situações de conflito que ocorrem entre as crianças?

A PRIMEIRA REAÇÃO É SEMPRE DE ESPERA, NA EXPECTA-TIVA DE QUE SEJAM CAPAZES DE RESOLVER SOBREVINDO OS CONFLITOS, SE FOR NECESSÁRIO INTERVIR, FACILITAO

QUE ATRAVÉS DAS CUNHAS PERGUNTA AS CRIANÇAS SEJAM CEUADAS  
A CONCLUIR DA JUSTIÇA OU INJUSTIÇA DAS SUAS PAZÍQUEIS. (N. 1)

5. A presença assídua do educador nas brincadeiras das crianças durante o recreio é pertinente? Porquê?

O EDUCADOR É SEMPRE E EM TODOS OS ESPAÇOS  
DA ESCOLA UM MODELO; ASSIM DEVE TAMBÉM ESTAR  
PRESENTE NO RECREIO, POIS É UM ESPAÇO DE APREN-  
DIZAGEM E CRESCIMENTO COMO OUTROS.

6. Como educador, que utilização dá do recreio?

USO-O PARA BRINCADEIRA LIVRE E ESPONTÂNEA DAS  
CRIANÇAS, MAS TAMBÉM PARA JOGOS ORIENTADOS,  
PARA CONTAR HISTÓRIAS, PARA BRINCADEIRA DE FAZ  
DE CONTA, PARA FAZER GINCAVAS, JARDINAGEM, BRINCAR  
COM ÁGUA, ETC. (N. 2)

7. O material existente no recreio é suficiente para as crianças?

AS CRIANÇAS SÃO CAPAZES E HEDÍLES NA ARTE DE TRANSFORMAR  
O QUE TÊM À MÃO. NO RECURSO PARTICULAR AS CRIANÇAS BEM  
TRABALHA DE CASA BRINQUEDOS QUE USAM NO RECREIO. POR VETES,  
O MATERIAL EXISTENTE NÃO CHEGA PARA TODAS AS SOLICITAÇÕES,  
MAS ISSO OBLIGA A ESPERAR A SUA VEZ, A APRENDER A PARTILHAR,  
A NEGOCIAR E UTILIZAR OS MATERIAIS QUE TEM AO SEU DISPOR.

8. Para além do material existente no recreio pensa que deveria existir mais para  
usufruído das crianças?

GOSTARIA QUE HOUVESSE ALGUNS BRINQUEDOS  
FIXOS (COMO ESCORREGA, "AEE-SAW", ETC.).

9. Como é que as crianças encaram os materiais disponíveis no recreio?

ENCARAM COMO MAIS VALIAS PARA AS SUAS BRIN-  
CADEIRAS E DÃO-LHES MÚLTIPLAS UTILIZAÇÕES DI-  
FERENTES DA ORIGINAL, EX: CAVALOS DE BALANÇO,  
USAM VÁRIOS SOBREPÓSITOS E CONSTRUEM UM MURO.

10. Como é que as crianças resolvem os seus próprios conflitos?

GERALMENTE RESOLVEM OS CONFLITOS DISCUTINDO E NEGOCIANDO. CARAVERE MAIS, NÃO SENDO CAPAZES DE OS RESOLVER SÓZINHAS, MAS OCACIONALMENTE AINDA PRECISAM DA AJUDA DO ADULTO, ESSENCIALMENTE COMO MEDIADORA.

11. Quais as principais brincadeiras que as crianças fazem durante o tempo em que estão no recreio?

BRINCADEIRAS DE PAR-DE-CONTA, JOGOS, CORRIDAS, FUTEBOL, DANÇAS, ETC.

12. Para finalizar, as crianças durante a permanência no recreio criam relações afetivas entre si?

CLARO QUE SIM. É ATÉ NO RECREIO QUE SE CRIAM NOVAS AMIZADES ENTRE MENINOS DE SALAS DIFERENTES.

AS DIFERENTES BRINCADEIRAS ESPONTÂNEAS SÃO POTENCIADORAS DE FOMENTAR NOVAS AMIZADES E CONSOLIDAR AS JÁ EXISTENTES.

O RECREIO É PARTE INTEGRANTE DA ESCOLA, LOGO UM ESPAÇO DE SOLICITAÇÃO, APRENDIZAGEM E CRESCIMENTO.

✳1) A MINHA INTERVENÇÃO SÓ É IMEDIATA QUANDO ESTÁ EM CAUSA A SEGURANÇA DE ALGUMA CRIANÇA.

✳2) É TAMBÉM UM ESPAÇO DE EXCELÊNCIA PARA OBSERVAR-LOS COMO CONVIVEM COM MENINOS DE OUTRAS SALAS E IDADES.

O RECREIO PARA TUM, É TAMBÉM UM LOCAL PARA LIBERTAR ENERGIAS ATUAVÉS DE BRINCADEIRAS ESPONTÂNEAS MAIS ENERGICAS.

## Anexo 13

### (Respostas da Educadora 2)

#### Questionário

Bom tarde educadoras Nuémia, Isabel e Dulce da Escola de Santa Teresa do Menino Jesus. Como sabem, estou a terminar o Mestrado em Educação Pré-escolar e para isso, venho por este meio pedir a vossa colaboração para a realização do meu relatório final de curso. O meu tema é sobre "A importância do Recreio Escolar no desenvolvimento da criança" e com isto faço aqui umas pequenas perguntas sobre esta temática. Peço que me ajudem e que colaborem com a vossa prática pedagógica.

Obrigada e cumprimentos,

Telma Delgado

1. Para si, qual o conceito de recreio?

Para mim o recreio é o lugar por excelência para a brincadeira livre. É também o lugar onde as crianças usam alguns brinquedos que trazem de casa.

2. Qual o contributo do recreio para o desenvolvimento das crianças?

O recreio contribui para o desenvolvimento global das crianças, é um ótimo nível de socialização entre as crianças das várias salas e idades. É excelente para o desenvolvimento da

3. As crianças durante a sua permanência no recreio que tipos de aprendizagens adquirem?

No recreio as crianças aprendem a relacionar-se umas com as outras, aprendem a usar o material lúdico existente com cuidado e respeito, aprendem a partilhar, etc.

4. Quanto ao comportamento face a algumas situações de conflito que ocorrem entre as crianças?

Normalmente a nível do recreio só me aproxima para resolver conflitos se perceber que as crianças não os conseguem resolver sozinhas.

5. A presença assídua do educador nas brincadeiras das crianças durante o recreio é pertinente? Porquê?

Sim, porque sendo o educador/adulto um modelo para as crianças a sua presença ajuda-as na orientação e concretização das diferentes brincadeiras.

6. Como educador, que utilização dá do recreio?

Além de usar o recreio para o seu caderno livre uso-o também para jogos, para contar histórias, para fazer atividades como digitação, para sugar com água, etc.

7. O material existente no recreio é suficiente para as crianças?

O material existente no recreio consegue "transformar-se" através da interação das crianças em várias situações coisas, logo penso que é suficiente para as nossas crianças.

8. Para além do material existente no recreio pensa que deveria existir mais para usufruído das crianças?

Gostava que o nosso recreio tivesse um pequeno parque com saliências, escorrega, etc.

9. Como é que as crianças encaram os materiais disponíveis no recreio?

As crianças encaram estes materiais como uma mais valia para as suas brincadeiras e aprendem a usá-los com respeito e a partilhá-los com os outros.

10. Como é que as crianças resolvem os seus próprios conflitos?

Normalmente as crianças conseguem resolver entre elas pequenos conflitos, se não conseguirem procuram a ajuda do educador para o fazer.

11. Quais as principais brincadeiras que as crianças fazem durante o tempo em que estão no recreio?

Gostam muito de jogar coréis, de jogar à bola, de brincar nos tapetes com os carrinhos e de brincar ao faz-de-conta.

12. Para finalizar, as crianças durante a permanência no recreio criam relações afetivas entre si?

O recreio é um ótimo espaço de socialização. As crianças procuram amigos de outras salas com quem gostam de brincar ou brincam com os amigos da sala com quem mais gostam de estar.

## Anexo 14

### (Respostas da Educadora 3)

#### Questionário

Bom tarde educadoras Noémia, Isabel e Dulce da Escola de Santa Teresa do Menino Jesus. Como sabem, estou a terminar o Mestrado em Educação Pré-escolar e para isso, venho por este meio pedir a vossa colaboração para a realização do meu relatório final de curso. O meu tema é sobre "A importância do Recreio Escolar no desenvolvimento da criança" e com isto faço aqui umas pequenas perguntas sobre esta temática. Peço que me ajudem e que colaborem com a vossa prática pedagógica.

Obrigada e cumprimentos,

Telma Delgado

1. Para si, qual o conceito de recreio?

Recreio é um espaço ao ar livre (de preferência) com uma boa área, de forma a permitir brincadeiras movimentadas livres ou orientadas.

2. Qual o contributo do recreio para o desenvolvimento das crianças?

Permite brincadeiras diferentes das feitas na sala. Dependendo do tipo de recreio permite ainda o contacto com a natureza. Promove a socialização entre diferentes idades. É um excelente contributo para o desenvolvimento da maturidade.

3. As crianças durante a sua permanência no recreio que tipos de aprendizagens adquirem?

Além das expressas na resposta anterior aparecem a partilhar com os outros os brinquedos, a brincar em grupo, a esperar a vez nos jogos, a movimentar-se num espaço mais amplo.

4. Qual o seu comportamento face a algumas situações de conflito que ocorrem entre as crianças?

Inicialmente observo e espero que consigam resolver sozinhas (como não seja assunto grave), e que a maioria na maior parte das vezes, se tal não acontecer, participe e ajude na resolução do problema.

5. A presença assídua do educador nas brincadeiras das crianças durante o recreio é pertinente? Porquê?

A presença do adulto é importante nos tempos de recreio. É uma forma de observar comportamentos e atitudes e de interação com as crianças. Importante ainda como mediadora de conflitos e promotora de

6. Como educador, que utilização dá do recreio? Brincadeiras livres utiliza o recreio como uma extensão da sala, onde se pode usar a história, foca pintura, observar a céu e as plantas e essencialmente como espaço de brincadeira livre.

7. O material existente no recreio é suficiente para as crianças?

Sim. Como sempre, o material, por muito que seja, provoca sempre algum conflito, todos querem brincar com o mesmo, e que os leva a aprender a partilhar. Como podem também brincar com as brinquedos de casa formando grupos <sup>de</sup> <sup>convívio</sup> <sup>dentro</sup>

8. Para além do material existente no recreio pensa que deveria existir mais para usufruído das crianças?

talvez, alguns brinquedos fixos que permitissem outra tipo de jogo de destreza.

9. Como é que as crianças encontram os materiais disponíveis no recreio?

Como fonte inesgotável de brincadeira qualquer material serve para o seu uso normal e para todo o que a imaginação das crianças cria.

10. Como é que as crianças resolvem os seus próprios conflitos?

Muitas vezes resolvem conversando uns com os outros, outras com amuos e tãnyas. Ademã ainda o ajuda do adulto para servir de auxílio na resolução.

11. Quais as principais brincadeiras que as crianças fazem durante o tempo em que estão no recreio?

Lançidas, escondidas, futebol e variado tipo de jogos. O peixinho e a rede, mamã do lincya; aqui vou o tempo, à banha; etc. gostam ainda de brincar nos tapetes e com as caixas de conteúdo (atividade)

12. Para finalizar, as crianças durante a permanência no recreio criam relações afetivas entre si?

Claro que sim.